



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Agrotóxicos. Remédio ou veneno? Uma discussão



Maria José Guazelli

Brasil. O maior consumidor de agrotóxicos agrícolas

Sebastião Pinheiro

O negócio do veneno é mais rentável do que o do remédio

Tarcísio Pinheiro

Agrotóxicos: um caso de Saúde Pública

E mais:

>> **Faustino Teixeira:**

Bento XVI e Barak Obama: novas perspectivas de diálogo com o islã

>> **Francisco Orofino:**

Ecumenismo e os 30 anos do CEBI

296

Ano IX
08.06.2009
ISSN 1981-8469

Agrotóxicos. Remédio ou veneno? Uma discussão

O Brasil é hoje o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. Intoxicações, doenças agudas e crônicas, a possível relação com o surgimento de doenças cancerígenas e até suicídios são estudados por pesquisadores e pesquisadoras que analisam as consequências do uso dos agrotóxicos.

Buscando compreender os seus impactos na vida humana e no ambiente, a **IHU On-Line** desta semana discute o tema com alguns especialistas do assunto.

Assim, contribuem nesta edição, a agrônoma **Maria José Guazelli**, a doutora em Saúde Coletiva **Jandira Maciel da Silva**, o professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) **Tarcísio Pinheiro**, a professora da Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves **Neice Muller Xavier Faria** e o engenheiro agrônomo e florestal **Sebastião Pinheiro**.

Mais três entrevistas completam a edição. **Michael Conroy**, economista americano, entusiasmado, fala sobre o papel do consumidor na busca de um modelo econômico ambientalmente mais sustentável. **Francisco Orofino**, estudioso da Bíblia, recorda os 30 anos da criação do Centro de Estudos Bíblicos – CEBI. A exacerbação como traço fundamental de Dostoiévski é o tema da entrevista de **Aurora Fornoni Bernardini**.

A todas e todos uma ótima leitura, um bom feriado e uma excelente semana!



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | **Maria José Guazzelli:** Brasil. O maior consumidor de agrotóxicos agrícolas

PÁGINA 08 | **Jandira Maciel da Silva:** A relação entre cânceres e agrotóxicos

PÁGINA 11 | **Neice Muller Xavier Faria:** Os danos dos agrotóxicos no Sistema Nervoso Central

PÁGINA 13 | **Sebastião Pinheiro:** O negócio do veneno é mais rentável do que o do remédio

PÁGINA 17 | **Tarcísio Pinheiro:** Agrotóxicos: um caso de Saúde Pública

B. Destaques da semana

» Terra Habitável

PÁGINA 22 | **Michael Conroy:** O comércio justo responde aos desejos dos consumidores

» Entrevista da Semana

PÁGINA 23 | **Aurora Fornoni Bernardini:** A exacerbação como traço fundamental de Dostoiévski

» Teologia Pública

PÁGINA 26 | **Francisco Orofino:** Uma leitura bíblica libertadora e ecumênica a serviço da vida

PÁGINA 29 | **Faustino Teixeira:** Bento XVI e Barak Obama: novas perspectivas de diálogo com o islã

» Destaques On-Line

PÁGINA 31 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 34 | **Luciana Paulo Gomes**



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



Brasil. O maior consumidor de agrotóxicos agrícolas

Segundo a agrônoma Maria José Guazzelli, a expansão da fronteira agrícola no país justifica o aumento do consumo de agrotóxicos

POR PATRICIA FACHIN

Agrotóxicos como o Karate Zeon, da Syngenta, são produzidos com partículas nanotecnológicas, o que, segundo a agrônoma Maria José Guazzelli, pode aumentar os riscos de toxicidade no solo e na água. A nanotecnologia oferece novas oportunidades para indústrias ligadas à cadeia de produção agrícola, mas pode gerar enormes riscos para saúde e o meio ambiente. “Como são regidas pelas leis da física quântica, as nanopartículas apresentam comportamentos distintos dos habituais para materiais em escala macroscópica. Testes de laboratório mostraram, por exemplo, que nanopartículas de óxidos de metais podem penetrar nas células e danificar o DNA. Devido ao tamanho diminuto, partículas podem não ser retidas pela barreira do cérebro ou pela da placenta”, adverte a fundadora do Centro Ecológico do município de Ipê, Rio Grande do Sul.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a pesquisadora assinala que genes de plantas geneticamente modificadas podem ser transferidos para bactérias intestinais humanas. No caso dos cultivos Bt, ressalta, “nos quais toda a planta é transformada num agrotóxico pela transgenia, se os genes Bt forem transferidos, eles poderiam fazer nossas bactérias intestinais tornarem-se fábricas vivas de agrotóxicos”. Com isso, destaca, aumenta a probabilidade de os transgênicos serem responsáveis por doenças.

Para Maria José, a expansão da fronteira agrícola brasileira “é uma das causas do aumento do consumo de agrotóxicos juntamente com os cultivos de transgênicos” no país. E acrescenta: “Não por coincidência, algumas das maiores empresas globais de sementes do mundo, que controlam grande parte do mercado mundial de sementes proprietárias estão também entre as maiores empresas de agrotóxicos do mundo, como a Monsanto, a Dupont, a Bayer e a Syngenta”.

Maria José Guazzelli é engenheira agrônoma, formada pela Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e na década de 1980, participou na elaboração da Lei dos Agrotóxicos do Rio Grande do Sul (Lei 7747/82). Ela é coautora do livro *Agropecuária sem veneno*, tradutora dos livros *Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos – Teoria da trofobiose*, de Francis Chaboussou; *Agroecologia*, de Stephen Gliessman, *Nanotecnologia – Os riscos da tecnologia do futuro*, do Grupo ETC; e *Roleta genética – Riscos documentados dos alimentos transgênicos sobre a saúde*, de Jeffrey Smith. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O Brasil é o país que mais utiliza agrotóxicos. Quais são os venenos mais usados nas lavouras brasileiras e em que medida isso é feito?
Maria José Guazzelli - O Brasil, em 2008, tornou-se o maior consumidor mundial de venenos agrícolas (733,9 milhões de toneladas), ultrapassando os Estados Unidos (646 milhões de toneladas). Em 2007, as vendas no Brasil significaram 5,372 bilhões de dólares e em 2008, 7,125 bilhões. A cultura que mais consome agrotóxico é a soja. No total, os herbicidas representam cerca de 45% das vendas, os inseticidas 29%, e os fungicidas 21%.

De acordo com dados da Anvisa¹ de 2008 e de 2009, mais 15% dos alimentos no país têm resíduos de agrotóxicos em excesso. Para a Andef (Associação Nacional de Defesa Vegetal), o massivo uso de agrotóxicos é chamado de “emprego intensivo de tecnologia”, e o mercado brasileiro tem potencial para “avanço mais consistente no futuro”. Boa parte dessa consistência deve-se às variedades transgênicas.

IHU On-Line - A evolução da transgenia é o principal fator para o aumento

¹ Anvisa: Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Confira o site oficial www.anvisa.gov.br. (Nota da IHU On-Line)

do uso de agrotóxicos nas lavouras?

Maria José Guazzelli - A expansão da fronteira agrícola no Brasil também é uma das causas do aumento do consumo de agrotóxicos juntamente com os cultivos transgênicos. Não por coincidência, algumas das maiores empresas de sementes do mundo, que controlam grande parte do mercado mundial de sementes proprietárias, estão também entre as maiores empresas de agrotóxicos do mundo, como a Monsanto, a Dupont, a Bayer e a Syngenta.

Em 1994, foram consumidas cerca de 800 toneladas de herbicidas no Brasil e, em 1998, aproximadamente 1400, coincidindo com o período de introdu-

ção da soja transgênica no país.

A pauta atual da CTNBio² mostra bem que os transgênicos fazem sua parte no consumo de agrotóxicos. Dos seis pedidos para liberação comercial de sementes transgênicas, quatro delas são modificadas para tolerar aplicações de herbicidas e uma é Bt e tolerante a herbicida. Dos 45 pedidos de variedades que estão sendo testadas a campo, 41 são para plantas tolerantes a herbicidas, ou seja, 91% do total.

Um dado interessante é que o único estudo de alimentação de humanos com cultivos transgênicos mostrou que genes das plantas são transferidos para bactérias intestinais humanas. No caso de cultivos Bt,³ nos quais toda a planta é transformada num agrotóxico pela transgenia, se os genes Bt forem transferidos eles poderiam fazer nossas bactérias intestinais tornarem-se fábricas vivas de agrotóxicos.

Não por acaso, a Academia Americana de Medicina Ambiental divulgou nota⁴ sobre alimentos transgênicos, pedindo uma moratória imediata e afirmando que “os produtos transgênicos representam um sério risco à saúde nas áreas da toxicologia, alergias, funções imunológicas, saúde reprodutiva, metabolismo, fisiologia e saúde genética”.

IHU On-Line - Qual é a composição do Roundup e por que ele é considerado um dos agrotóxicos mais prejudiciais?

Maria José Guazzelli - O Roundup é

2 A CTNBio é uma instância colegiada multidisciplinar, criada através da lei nº 11.105, de 24 de março de 2005, cuja finalidade é prestar apoio técnico consultivo e assessoramento ao Governo Federal na formulação, atualização e implementação da Política Nacional de Biossegurança relativa à OGM, bem como no estabelecimento de normas técnicas de segurança e pareceres técnicos referentes à proteção da saúde humana, dos organismos vivos e do meio ambiente, para atividades que envolvam a construção, experimentação, cultivo, manipulação, transporte, comercialização, consumo, armazenamento, liberação e descarte de OGM e derivados. Mais informações em www.ctnbio.gov.br. (Nota da IHU On-Line)

3 Cultivos Bt são os transgênicos que recebem genes da bactéria *Bacillus thuringiensis*, que produz toxinas inseticidas. Dessa forma, os cultivos Bt são plantas inseticidas. Quando o inseto se alimenta de qualquer parte da planta Bt, ele morre. (Nota da IHU On-Line)

4 <http://www.aemonline.org/gmpost.html> (Nota da entrevistada)

um herbicida à base de glifosato muito usado por agricultores, jardineiros e órgãos públicos para o controle de ervas indesejadas. A maioria dos transgênicos cultivados hoje no Brasil são variedades resistentes a esse produto.

É bastante difundido, especialmente pela indústria, que o glifosato é menos prejudicial que outros herbicidas. A Anvisa o classifica como Classe IV (faixa verde). A toxicidade aguda do glifosato é relativamente baixa, mas o Roundup é composto de glifosato e mais um surfactante.⁵ O surfactante chamado POEA aumenta a eficácia do produto bem como os riscos pelo seu uso. Por ser um produto sistêmico, o Roundup é absorvido por sementes e frutas.

O produto também é tóxico para animais aquáticos (experimentos com rãs, nos EUA, mostraram que mais de 80% dos adultos expostos ao Roundup, em proporções normais, morreram em 24 horas).⁶ Ele pode ser absorvido pela pele e mucosas agindo no sistema nervoso, afetando os músculos. Além disso, provoca hipotensão arterial, dores intestinais, vômito, diarreia, dor de cabeça, tontura, ardência nos olhos, visão borrada e dificuldade de respirar. É um disruptor endócrino (provoca danos no DNA) e pode ativar o desenvolvimento de câncer e de outras anomalias que favorecem abortos espontâneos, nascimentos prematuros e má formação em recém-nascidos.⁷

Algumas horas de exposição ao Roundup, em concentração 10 vezes mais baixa do que a usada na agricultura, é tóxica para células da placenta humana. Em diluições de até 10.000 vezes, o Roundup altera a produção hormonal das células placentárias.⁸ Níveis extremamente baixos de exposição ao Roundup podem resultar em produção 90%

5 Surfactante é uma palavra derivada da contração da expressão “surface active agent”, termo que significa, literalmente, agente de atividade superficial. Em outras palavras, um surfactante é um composto caracterizado pela capacidade de alterar as propriedades superficiais e interfaciais de um líquido. (Nota da IHU On-Line)

6 <http://news.bio-medicine.org/biology-news-3/Roundup-28r-29-kills-frogs-as-well-as-tadpoles--Pitt-biologist-finds-10678-1/>. (Nota da entrevistada)

7 <http://www.scielo.edu.uy/pdf/rmu/v20n3/art6.pdf> (Nota da entrevistada)

8 <http://www.tierramerica.info/nota.php?lan=port&idnews=250>. (Nota da entrevistada)

mais baixa de hormônios sexuais masculinos.⁹ Como um disruptor endócrino sintético, em bebês, oferece risco de danos sexuais, cognitivos, de desenvolvimento físico e do sistema imunológico permanentes.¹⁰ No Rio Grande do Sul, estudo em ratos mostrou aumento no percentual de espermatozoides anormais durante a puberdade e a redução da produção diária e do número de espermatozoides em adultos.¹¹ Pesquisa recente na Argentina mostrou que este agrotóxico produz alterações intestinais, cardíacas e deformações e alterações neuronais em embriões anfíbios mesmo em doses muito inferiores às usadas na agricultura.¹²

Quando a soja RoundupReady da Monsanto foi liberada, o governo, através da Anvisa, aumentou em 50 vezes o Limite Máximo de Resíduos (LMR) permitido do glifosato na soja para que o grão pudesse ser legalmente comercializado (de 0,2 mg/kg para 10 mg/kg).

IHU On-Line - Qual é a relação dos agrotóxicos com o desenvolvimento da doença de Parkinson? Que outras doenças podem surgir?

Maria José Guazzelli - Já em 2000, há referência de estudo com cobaias indicando que a exposição simultânea ao herbicida Gramoxone (Paraquat) e ao fungicida Maneb, ambos bastante usados na agricultura, é fator determinante no desencadeamento do mal de Parkinson.¹³ Levantamento recente¹⁴ feito com trabalhadores rurais na Califórnia mostrou resultados similares. Da mesma forma, em 2008, estudo realizado na Carolina do Norte constatou que quando comparados com parentes

9 Welsh, L.P. et al. 2000. [Roundup inhibits steroidogenesis by disrupting steroidogenic acute regulatory \(StAR\) protein expression](#). *Environ. Health Persp.* 108:769-776. (Nota da entrevistada)

10 Mensink H. et al. 1994. *Glyphosate*. *Environmental Health Criteria* 159, by World Health Organisation, Geneva. (Nota da entrevistada)

11 Dallegre, E./Mantese, F./Coelho, R./Pereira, J./Dalsenter, P./Langeloh, A. (2003): *The teratogenic potential of the herbicide glyphosate-Roundup® in Wistar rats*. *Toxicology Letters*, Vol. 142: 45-52. (Nota da entrevistada)

12 <http://www.pagina12.com.ar/diario/el-pais/1-124288-2009-05-03.html>. (Nota da entrevistada)

13 <http://www.jneurosci.org/cgi/content/abstract/20/24/9207>. (Nota da entrevistada)

14 abstract/169/8/919. (Nota da entrevistada)

saudáveis mais de 60 % dos pacientes com Parkinson relatavam contato direto com aplicação de agrotóxicos.¹⁵

IHU On-Line - Que outras doenças neurodegenerativas podem surgir com o contato de agrotóxicos?

Maria José Guazzelli - Resultados preliminares de um estudo sobre os efeitos de agrotóxicos no funcionamento do cérebro de ratos mostram que os danos são similares aos padrões encontrados em doenças neurológicas como epilepsia, esclerose múltipla, Alzheimer's, and Parkinson.¹⁶ Há agrotóxicos com características bem distintas que começam a ser usados na agricultura sem que existam estudos dos seus impactos sobre a saúde e o meio ambiente. Como no caso dos transgênicos, o princípio da precaução não está sendo aplicado. São venenos difundidos como de liberação controlada e que contêm partículas de tamanho nano. Ou seja, somam aos problemas dos agrotóxicos os problemas de substâncias nanotecnológicas que irão para a água e solo etc., onde podem apresentar riscos de toxicidade. Os produtos Karate Zeon, da Syngenta são exemplos deste tipo de tecnologia.¹⁷

IHU On-Line - Nesse sentido, as nanotecnologias podem agravar ainda mais a toxidade dos agrotóxicos? Que relações estabelece entre essa tecnologia e os venenos?

Maria José Guazzelli - As inovadoras propriedades de nanomateriais oferecem novas oportunidades para a indústria ligada à cadeia de produção agrícola, como, por exemplo, agroquímicos e fertilizantes mais potentes. Mas esses materiais podem trazer enormes riscos para a saúde e o meio ambiente. Como são regidas pelas leis da física quântica, as nanopartículas apresentam comportamentos distintos dos habituais para materiais em escala macroscópica.

Testes de laboratório mostraram,

¹⁵ <http://www.medkb.com/Uwe/Forum.aspx/nutrition/9986/Pesticide-Exposure-Boosts-Parkinson-s-Risk-by-60-Percent>. (Nota da entrevistada)

¹⁶ http://www2.und.edu/our/uletter/print_article.php?uletterID=541. (Nota da entrevistada)

¹⁷ *Nanotecnologia - Os riscos da tecnologia do futuro*, Grupo ETC, L&PM Editores, 2005. (Nota da entrevistada)

por exemplo, que nanopartículas de óxidos de metais podem penetrar nas células e danificar o DNA. Devido ao tamanho diminuto, algumas partículas não são retidas pela barreira do cérebro ou pela da placenta. Os métodos atuais para avaliar riscos potenciais dos nanomateriais são inadequados e as versões nano de químicos já existentes deveriam ser avaliadas como novos químicos. Assim, além da toxicidade do

“O atual modelo de agricultura, seja usando sementes convencionais ou transgênicas, é desenhado para possibilitar lucros às corporações. Assim, faz parte do modelo ter plantas ‘adoecidas’ e plantas modificadas geneticamente que requerem aplicações de adubos químicos e de agrotóxicos”

próprio agrotóxico, soma-se a toxicidade da nanopartícula decorrente de seu tamanho e estrutura.

IHU On-Line - O uso de agrotóxicos contribui também para a infertilidade futura do solo?

Maria José Guazzelli - O uso de agrotóxicos contribui para alterar a flora microbiana, responsável, em grande parte, pela fertilidade de um solo. Alguns tipos de venenos comumente usados também são capazes de bloquear sinais químicos que permitem o funcionamento de bactérias fixadoras de

nitrogênio, fazendo com que o solo na área tratada fique mais pobre neste nutriente, demandando aplicação maior de fertilizantes.

IHU On-Line - Pode nos falar sobre a teoria da trofobiose? Em que sentido isso contribui para a construção de uma agricultura sadia?

Maria José Guazzelli - A palavra Trofobiose foi usada pelo pesquisador francês Francis Chaboussou para dar nome à sua teoria que não é qualquer planta que é atacada por pragas e doenças. A planta precisa servir de alimento adequado e só será atacada por um inseto, ácaro, nematóide ou microorganismos (fungos ou bactérias), quando tiver, na sua seiva, exatamente o alimento que eles precisam. Este alimento é constituído, principalmente, por aminoácidos, que são substâncias simples, rapidamente aproveitadas. Em outras palavras, uma planta saudável, bem alimentada, dificilmente será atacada por pragas e doenças. As ditas pragas morrem de fome numa planta sadia.

IHU On-Line - Que modificações são provocadas nas plantas pelo uso de adubos químicos e o que essas substâncias geram?

Maria José Guazzelli - Devido à sua solubilidade, os adubos químicos são um dos fatores que provocam desequilíbrios no metabolismo das plantas, segundo Chaboussou, fazendo com que elas tenham na sua seiva uma quantidade maior de substâncias simples. Isto está relacionado com a formação de proteínas – quanto mais intensa for a síntese de proteínas, menor será a sobra de aminoácidos livres, açúcares e minerais solúveis que os insetos e doenças necessitam para poderem se alimentar, já que têm uma variedade muito pequena de enzimas digestivas, o que reduz sua possibilidade de aproveitar completamente moléculas grandes (complexas), como as proteínas, por exemplo. Além disso, a formação eficiente de proteínas aumenta o nível de respiração e de fotossíntese da planta, melhorando todo o funcionamento da planta. Plantas que recebem nutrição desequilibrada provavelmente irão necessitar aplicação de agrotóxicos – fechando esse

ciclo de dependência de adubo químico e veneno agrícola.

HU On-Line - É possível hoje, de acordo com o modelo de produção agrícola existente e com o crescimento da transgenia, não utilizar agrotóxicos?

Maria José Guazzelli - O atual modelo de agricultura, seja usando sementes convencionais ou transgênicas, é desenhado para possibilitar lucros às corporações. Assim, faz parte do modelo ter plantas “adoecidas” e plantas modificadas geneticamente que requerem aplicações de adubos químicos e de agrotóxicos. Mas é possível não precisar mais utilizar agrotóxicos. A opção é mudar para um sistema de produção que vise preservar a saúde e o ambiente, sem abrir mão da viabilidade social e econômica. Estudos apontam que a agroecologia tem capacidade de produzir alimentos e fibras em quantidades suficientes para abastecer a população atual e futura e, além disso, promove os chamados serviços ambientais. Dentre eles, destaca-se a preservação da diversidade biológica e a mitigação dos gases de efeito estufa, contribuindo para reduzir o aquecimento global. São sistemas agrícolas mais resilientes,¹⁸ tanto em termos econômicos quanto ecológicos.

SAIBA MAIS..

Nanotecnologia é a ciência associada a diversas áreas (como a medicina e eletrônica) de pesquisa e produção na escala nano. O princípio básico da nanotecnologia é a construção de estruturas e novos materiais com base nos átomos (como se fossem tijolos). É uma área promissora, mas que dá apenas seus primeiros passos, mostrando, contudo, resultados surpreendentes, como na produção de semicondutores, por exemplo. Sobre o assunto, a **IHU On-Line** publicou a edição número 120, de 25 de outubro de 2004, intitulada *O mundo desconhecido das nanotecnologias*. E, em maio de 2008, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o Simpósio Internacional Uma Sociedade Pós-Humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias. Na ocasião, o sítio do IHU publicou uma série de notícias e entrevistas sobre o tema e a revista **IHU On-Line** dedicou o tema de capa da edição número 259, de 26-05-2008, intitulada *Nanotecnologias: possibilidades incríveis e riscos altíssimos*.

¹⁸ Sobre o tema da resiliência leia a revista **IHU On-Line** número 241, de 29-10-2007, intitulada *Resiliência. Elo e sentido*. (Nota da **IHU On-Line**)

A relação entre cânceres e agrotóxicos

Jandira Maciel da Silva, doutora em Saúde Coletiva, alerta para os riscos de cânceres através da exposição de agrotóxicos e diz que essas substâncias químicas são utilizadas na Saúde Pública

POR PATRICIA FACHIN

O uso de agrotóxicos no Brasil não se restringe apenas à agricultura. As substâncias tóxicas estão presentes também no serviço de Saúde Pública brasileiro, que utiliza químicos em larga escala para combater vetores transmissores de algumas doenças endêmicas e epidêmicas. A explicação é da médica sanitária Jandira Maciel da Silva, doutora em Saúde Coletiva. Em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, ela explica que essas substâncias foram utilizadas para combater doenças como chagas e malária, e ainda fazem parte do controle da dengue.

“Quando recebemos um agente sanitário na nossa residência para colocar um ‘remedinho’ no ralo do banheiro, nos vasos de plantas, na verdade ele está aplicando um agrotóxico que, quando é utilizado pela Saúde Pública, acaba assumindo outro nome: pesticida, defensivo agrícola ou domissanitários”, revela. E dispara: “Mas, quando vamos observar, eles fazem parte de uma mesma família de produtos químicos e, portanto, sujeitos a causar danos à saúde das populações e ao meio ambiente.”

Jandira é autora da pesquisa de doutorado *Cânceres Hematológicos na Região Sul de Minas Gerais* (2007), na qual aponta para uma relação entre cânceres hematológicos e a utilização de agrotóxicos. “Por cânceres hematológicos, classificamos os linfomas, as leucemias e o mieloma múltiplo”, esclarece. E continua: “A grande conclusão a que chegamos é que os trabalhadores que declararam ter tido exposição a agrotóxicos apresentaram um risco de quase quatro vezes maior para o desenvolvimento desse tipo de câncer em relação àqueles que não declararam exposição”.

Jandira Maciel da Silva é graduada em Medicina, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Engenharia de Produção, área de concentração: Dinâmica dos Sistemas de Produção, pela Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, e doutora em Saúde Coletiva, pela Universidade de Campinas (Unicamp). É coordenadora da área de Saúde do Trabalhador da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, consultora do Ministério da Saúde. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quando tratamos do debate sobre o uso de agrotóxicos, logo remetemos à agricultura. Que outros setores da indústria utilizam os agrotóxicos na produção e como, nesses outros ramos, essas substâncias se disseminam e contaminam as pessoas?

Jandira Maciel da Silva - A questão dos agrotóxicos inicialmente nos remete à agricultura porque, sem dúvida alguma,

é o setor que mais utiliza esses produtos. Aliás, é importante destacar, nesse momento, que a agricultura brasileira é absolutamente dependente desses produtos. Então, temos aí um processo de produção dependente da quimificação. Aliado a isso, é importante registrar que uma parte substancial dos produtos brasileiros advém da agricultura familiar, onde temos a produção de boa parte das leguminosas, horticultura, e

isso faz com que também existam mais populações expostas a esses produtos. Por outro lado, a chamada agricultura de extensão, produzida em grandes quantidades de terras, também utiliza esses produtos em larga escala, ocasionando uma série de comprometimentos ambientais.

Agrotóxicos na Saúde Pública

A Saúde Pública no Brasil utiliza esses produtos em larga escala para combater vetores que são transmissores de algumas doenças endêmicas e epidêmicas. Podemos destacar duas doenças históricas no nosso país, em relação às quais se utilizou e continua se utilizando esses produtos: a doença de chagas e a malária. Também podemos trazer isso para o momento atual e lembrar o quanto esses produtos estão sendo utilizados para combater a dengue. Quando recebemos um agente sanitário na nossa residência para colocar um “remedinho” no ralo do banheiro, nos vasos de plantas, na verdade ele está aplicando um agrotóxico que, quando é utilizado pela Saúde Pública, acaba assumindo outro nome: pesticida, defensivo agrícola ou domissanitários.¹ Mas, quando vamos observar, eles fazem parte de uma mesma família de produtos químicos e, portanto, sujeitos a causar danos à saúde das populações e ao meio ambiente. No caso específico da dengue, são utilizados alguns produtos que podem ser danosos aos trabalhadores e à população, que estão expostos a essa realidade.

De um modo geral, nas indústrias, como existe um controle maior do contato, os trabalhadores têm um risco menor, mas estão igualmente expostos

¹ Domissanitário é um termo utilizado para identificar os saneantes destinados a uso domiciliar. Os saneantes são substâncias ou preparações destinadas à higienização, desinfecção ou desinfestação domiciliar. São exemplos de saneantes os detergentes, alvejantes, amaciante de tecido, ceras, limpa móveis, limpa vidros, polidores de sapatos, removedores, sabões, saponáceos, desinfetantes, produtos para tratamento de água para piscina, água sanitária, inseticidas, raticidas, repelentes, entre outros. São produtos que, pela sua composição, podem causar acidentes e danos à saúde das pessoas e animais apresentando diversos graus de toxicidade. (Nota da IHU On-Line)

a esses produtos. Temos ainda uma situação muito utilizada no Brasil que é a capina química, ou seja, a aplicação do glifosato² para fazer a destruição dos matos, a substituição da enxada pelos produtos químicos. Quando colocamos isso abertamente no ambiente, estamos expondo não só o trabalhador, mas também a população circunvizinha.

Agrotóxicos contaminam a fauna

Lembro que certa vez participei de uma reunião no interior de Minas Gerais, na região da zona mata, produtora de café, e alguns técnicos das indústrias produtoras diziam que, se o agricultor souber usar corretamente o equipamento de proteção individual, ele não será intoxicado. Aí, um senhor perguntou para o técnico se tinha razão para os passarinhos, porque, desde o momento em que os agrotóxicos entraram na região, eles sumiram. Então, essa questão da relação e da contaminação ambiental e de outras espécies provocadas pelos agrotóxicos é algo que não podemos perder de vista quando tratamos desse assunto.

Também não podemos deixar de considerar aqueles que trabalham com o transporte e a comercialização de agrotóxicos. Embora seja proibido vender essas substâncias a granel, no interior do país, encontramos essa atividade com frequência. Todas essas situações de uso levam à exposição e contaminação das pessoas. Além disso, não podemos esquecer de nós — população em geral —, que podemos nos contaminar por esses produtos através dos chamados domissanitários. Muitos de nós têm o hábito de ir ao supermercado comprar produtos para matar baratas, formigas, ratos, e nem sempre conhecemos a toxicidade.

Também nos contaminamos através

² O glifosato (N-(fosfonometil) glicina, C₃H₈NO₅P) é um herbicida sistêmico não seletivo (mata qualquer tipo de planta), desenvolvido para matar ervas, principalmente perenes. É o ingrediente principal do Roundup, herbicida da Monsanto. Muitas plantas culturais geneticamente modificadas são simplesmente modificações genéticas para resistir ao glifosato. A Monsanto vende sementes dessas plantas com o marca RR (Roundup Ready). O herbicida é absorvido pelas folhas das plantas, não por suas raízes. (Nota da IHU On-Line)

de alimentos. A Anvisa tem um projeto muito interessante que se chama PARA (Programa de Avaliação de Resíduos em Alimentos), o qual está coletando alguns alimentos nos supermercados e tem encontrado muitas frutas e legumes com o nível de concentração aceitável de agrotóxicos acima do limite ou contaminados por substâncias que não são indicadas e aprovadas para eles. Então, na verdade, estamos diante de um gravíssimo problema de Saúde Pública.

Sabemos, ainda, que a madeira que chega para a indústria moveleira precisa ser tratada para não ser destruída por cupins. Esse tratamento é feito com alguns agrotóxicos. Estudos levantam a possibilidade de trabalhadores da indústria moveleira serem mais susceptíveis a alguns tipos de câncer, em função da contaminação por essas substâncias.

IHU On-Line - A utilização de agrotóxicos na Saúde Pública é legal? É possível vislumbrar novas alternativas a esses produtos?

Jandira Maciel da Silva - O uso dessas substâncias é aprovado em lei. Não sei dizer que alternativa é possível, mas diria que é necessário discutir isso com urgência, pois a população está entrando em contato com volumes enormes dessas substâncias, seja na aplicação do produto sólido, seja na contaminação da dengue ao fazer o combate ao mosquito. Matamos o inseto temporariamente, porque cada vez que ele volta tem mais resistência. Estamos criando um novo problema. O que se discute é que esses são produtos rapidamente degradáveis, e aí temos de analisar como é o comportamento metabólico deles, pois, mesmo que estejam rapidamente degradados, a alteração funcional que eles provocam não é. Muitas dessas reações, como alteração do DNA e mutagenicidade, são irreversíveis.

IHU On-Line - Na sua pesquisa de doutorado, a senhora apontou relações entre cânceres hematológicos e a utilização de agrotóxicos, na região de Minas Gerais. Pode relatar que relações são essas e a que conclusões chegou com seu estudo?

Jandira Maciel da Silva - Esse trabalho

nasceu de uma demanda de profissionais da área de saúde na região sul de Minas Gerais, que estavam preocupados com o aumento do câncer nessa região. Essa zona tem fortes características agrícolas e historicamente é uma das principais produtoras de café, em especial do tipo exportação. No doutorado, resolvi partir dessa demanda e fiz um recorte dos cânceres hematológicos. A literatura já aponta a grande probabilidade de eles estarem relacionados com a exposição a substâncias químicas e aos agrotóxicos. Fiz um estudo epidemiológico, do tipo caso-controle, entrevistando 149 casos e 162 controles; a partir dessas entrevistas baseadas num questionário, investigamos, além do sexo, a faixa etária, local de residência, doenças pregressas, a história ocupacional desses dois grupos. Por cânceres hematológicos, classificamos os linfomas, as leucemias e o mieloma múltiplo. A grande conclusão a que chegamos é que os trabalhadores que declararam ter tido exposição a agrotóxicos apresentaram um risco de quase quatro vezes maior para o desenvolvimento desse tipo de câncer em relação àqueles que não declararam exposição.

Algumas perguntas ficam abertas quando se faz um estudo desse tipo como Qual foi a dose de exposição? O nome dos produtos é outra informação muito difícil de ser recuperada, porque muitos dos agricultores trabalham como diaristas, são contratados apenas para aplicar o produto, e não sabem que substâncias estão aplicando. Muitos dos produtos ou hoje não existem ou têm novos nomes. Mas, quando resgatamos a história para conhecer o processo de produção do café, aí encontramos informações de que o cultivo de café usou muitos agrotóxicos, além de produtos da família dos organofosforados³ que são tidos como caselogênicos.

IHU On-Line - Trabalhadores rurais expostos aos agrotóxicos são mais vulneráveis ao desenvolvimento de doenças? Por quê?

Jandira Maciel da Silva - Eles são mais

³ Organofosforados são substâncias químicas que contêm carbono e fósforo, sendo geralmente obtidas através do uso de sais orgânicos do ácido fosfórico. São extremamente tóxicas, sendo fatais na proporção de alguns miligramas para um homem de cerca de 70 kg. (Nota da IHU On-Line)

“No caso específico da dengue, são utilizados alguns produtos que podem ser danosos aos trabalhadores e à população, que estão expostos a essa realidade”

vulneráveis, sim. Não só pela exposição a agrotóxicos, mas por um conjunto de situações que se retroalimentam internamente, como a baixa escolaridade, má condição de alimentação, condições inadequadas de moradia, o que aumenta a vulnerabilidade dessas populações. Entretanto, vários estudos mostram que os agrotóxicos por si só alteram de forma importante a resposta imunológica das pessoas, pré-dispondo os trabalhadores ao desenvolvimento de doenças.

Quando fiz o mestrado, peguei a embalagem de um produto agrotóxico para entender as instruções de uso. Foi impossível. Não entendi metade das informações que li. Além disso, uma das embalagens que vi era prateada, com letras pequenas e na cor preta.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o processo de reciclagem das embalagens dos agrotóxicos?

Jandira Maciel da Silva - Até algum tempo atrás, não existia nenhuma regulação que regulamentasse a reciclagem dos vasilhames. Já vi pessoas lavarem essas embalagens e jogarem a água no solo, e, mais do que isso, as reutilizam para condicionar alimentos e água. Isso continua acontecendo em muitas localidades do interior do nosso país. Desde o surgimento da Lei de regulação das embalagens, o agricultor que compra esses produtos é obrigado a devolver o vasilhame na loja onde comprou, e essa deve devolver à empresa, que é obrigada a reciclar.

IHU On-Line - Como classifica a atuação da medicina brasileira frente às into-

xicações por agrotóxicos e às doenças crônicas geradas nos últimos anos?

Jandira Maciel da Silva - Lamentavelmente, a medicina está muito atrasada. Essa é uma queixa constante de trabalhadores e médicos. Há pouca formação sobre essa questão dada no curso de graduação; um número pequeno de universidades oferece disciplinas de toxicologia, que deveria introduzir minimamente esse assunto e também são poucos os cursos de medicina no Brasil que oferecem aulas sobre a saúde do trabalhador. Em geral, os colegas médicos são pouquíssimos preparados para pensar que um câncer e um problema neurológico podem ter sido provocados pelo agrotóxico.

IHU On-Line - Partindo da perspectiva da Saúde Coletiva, como as intoxicações por agrotóxicos devem ser tratadas?

Jandira Maciel da Silva - A partir da perspectiva da Saúde Coletiva que pensa a saúde das populações inseridas nas suas condições reais de vida e trabalho, temos de refratar essas questões. A partir de um modelo inserido no biológico e no individual, não vamos conseguir resgatar isso. Portanto, a própria formação na área da saúde precisa ser fortemente repensada para não ficar presa a esse modelo centrado no corpo físico.

IHU On-Line - Quais são as consequências do uso disseminado de agrotóxicos para as próximas gerações? É possível dizer que as gerações futuras irão nascer com sérios problemas neurológicos ou deficiências físicas e biológicas devido à atual contaminação?

Jandira Maciel da Silva - Em relação à intensidade do uso de agrotóxicos, existe um fenômeno que vem se instalando no mundo e no Brasil: o aumento do câncer. Não quero dizer que o índice de elevação da doença esteja relacionado apenas a isso, mas esse é também um dos fatores. Alguns estudos mostram o aumento de cânceres do sistema nervoso central e de pulmão. Essa doença é, no Brasil, a segunda causa de óbito, uma patologia gravíssima, que tem um custo muito alto para o Sistema Único de Saúde (SUS). A Saúde Pública precisa enfrentar esse assunto com seriedade. Ainda não

podemos afirmar que as pessoas irão nascer com sérios problemas, mas algumas pesquisas apontam a possibilidade do aumento de má formação congênita de mulheres agricultoras ou que moram próximas a utilização desses produtos. Essas alterações, inclusive, levam a criança a óbito logo após ao nascimento.

IHU On-Line - É possível reverter a atuação dos agrotóxicos?

Jandira Maciel da Silva - O governo deveria investir pesadamente em alternativas para a agricultura familiar, produzir produtos com a menor quantidade dessas substâncias. Para isso, é importante fazer também uma bela campanha com a população. As pessoas costumam atribuir a qualidade dos produtos a sua beleza. No entanto, esses, em geral, são os mais contaminados por agrotóxicos. Precisamos desmistificar também a ideia de que a produção sem agrotóxico é mais cara, a chamada agricultura orgânica. Assim, estamos falando que quem tem recursos irá comer um produto de melhor qualidade do ponto de vista da contaminação química, e quem não tem vai comer alimentos contaminados. Essa parte da população que tem menos recursos ficará mais vulnerável ainda.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Jandira Maciel da Silva - A intoxicação por agrotóxicos no Brasil, desde 2007, passa por um processo de notificação compulsória ao Sistema Único de Saúde (SUS), ou seja, todo o profissional de saúde que suspeitar ou fazer esse diagnóstico deve notificar ao SUS. Essa informação é repassada a um sistema de informação de agravos notificáveis, e o colega que ler essa matéria deve procurar a secretaria municipal de saúde do seu município para se orientar.

O enfrentamento dessa questão do uso de agrotóxicos no Brasil — que passou, em 2009, a ser o maior consumidor do mundo — para a Saúde Pública passa obrigatoriamente por uma ação interssetorial. O sistema de saúde, sozinho, não irá conseguir intervir nessa situação. A resolução desse problema passa, indiscutivelmente, por um debate entre os consumidores, que precisam chamar para si a necessidade de ter à mesa alimentos mais saudáveis e seguros.

Os danos dos agrotóxicos no Sistema Nervoso Central

Agrotóxicos podem aflorar problemas de saúde que permanecem mesmo depois que não se tenha mais ação direta das substâncias químicas, adverte Neice Muller Xavier Faria

POR PATRICIA FACHIN

“O principal mecanismo de ação dos inseticidas é sobre o sistema nervoso dos insetos e o problema é que este efeito não se restringe à espécie alvo e pode afetar também os mamíferos”, adverte a médica e professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Neice Muller Xavier Faria. Na entrevista que segue, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a pesquisadora relata como os agrotóxicos podem atingir o Sistema Nervoso Central dos seres humanos. Quando contaminados por organofosforados — substâncias químicas que contêm carbono e fósforo, utilizados como inseticidas — e carbamatos — princípios ativos de alguns inseticidas comerciais —, as pessoas podem desenvolver neuropatias, ou seja, afecções que acometem os nervos periféricos que se estendem da medula ou do tronco encefálico até as extremidades. Além disso, destaca, essas substâncias também “podem afetar canais de cálcio ou bloquear o ácido gama-aminobutírico (gaba) como pode ocorrer com o fipronil e avermectinas”. Entre os sintomas mais comuns, a médica destaca ainda casos de “intoxicação aguda onde podem ocorrer, entre outros efeitos, fasciculações, tremores, convulsões, tonteiras, cefaléias e, nos casos graves, perda de consciência/coma”.

Neice Muller Xavier Faria possui graduação em Medicina, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e mestrado e doutorado em Epidemiologia, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com a tese *Saúde do trabalhador Rural*. Atualmente, é docente da Faculdade Cenecista de Bento Gonçalves, professora convidada dos cursos de pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e no Centro de Ensino Superior Cenecista de Farroupilha. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que sentido a prática de suicídios em algumas regiões do Rio Grande do Sul está relacionada com os agrotóxicos? Que sintomas essas substâncias causam para levar uma pessoa a cometer suicídio?

Neice Muller Xavier Faria - Em alguns casos, a pessoa ingere agrotóxicos, que neste caso seria o agente causador direto. Sobre a relação entre exposição aos agrotóxicos e a ocorrência de suicídios, conduzi,

com outros colegas, um estudo epidemiológico, de delineamento ecológico, que pretendia examinar esta associação. Os coeficientes padronizados de mortalidade por suicídio eram quase três vezes maiores entre trabalhadores da agropecuária/pesca do que em outros grupos como técnicos e administrativos. O estudo tentou identificar exatamente a razão deste aumento na mortalidade por suicídio, principalmente porque o número de trabalhadores rurais é

bem maior que o de pescadores. Mas os dados de uso de agrotóxicos (especificamente o receituário agrônomo) apresentavam tantos problemas que não foi possível testar esta associação. Por outro lado, num estudo transversal feito entre cerca de 1282 trabalhadores da serra gaúcha (minha dissertação de mestrado), encontramos uma clara associação entre intoxicação por agrotóxicos e a prevalência de transtornos psiquiátricos menores (teste srq-20¹). Além disso, testando isoladamente as questões do srq encontramos associação entre intoxicação por agrotóxicos com 13 dentre os 20 sintomas psiquiátricos avaliados. E, dentre estes, uma clara associação com pensamentos suicidas. Resultados semelhantes foram encontrados por pesquisadores de outros países usando instrumentos diferentes para avaliar depressão/distúrbios psiquiátricos

IHU On-Line - Em que sentido os agrotóxicos também atingem o Sistema Nervoso Central?

Neice Muller Xavier Faria - O principal mecanismo de ação dos inseticidas é sobre o sistema nervoso dos insetos e o problema é que este efeito não se restringe à espécie-alvo e pode afetar também os mamíferos. O mecanismo varia conforme o produto. O mais conhecido é a inibição da acetilcolinesterase (ocorre com os organofosforados e carbamatos²). No caso dos organofosforados, pode ocorrer neuropatias de médio e longo prazo. Mas alguns também podem afetar canais de cálcio ou bloquear o ácido gama-aminobutírico (gaba) como pode ocorrer com o fipronil³ e avermectinas. O efeito neurotóxico

1 SRQ 20 - Self Report Questionnaire: teste que avalia o sofrimento mental. São 20 questões relacionadas a certas dores e problemas que podem ter incomodado o paciente. (Nota da IHU On-Line)

2 Carbamatos ou uretanos são um grupo de compostos orgânicos que compartilham de um mesmo grupo funcional cuja estrutura é -NH(CO)O-. Os carbamatos são ésteres do ácido carbâmico, NH₂COOH, um composto instável. Pelo fato de o ácido carbâmico conter um nitrogênio ligado a um grupo carboxila, ele é também uma amida. Por essa razão, os ésteres de carbamato podem ter os grupos alquila ou arila substituídos no nitrogênio ou na função amida. (Nota da IHU On-Line)

3 Fipronil é um inseticida de amplo espectro que danifica o sistema nervoso central do inseto ao bloquear a passagem de íons de cloro através dos receptores Gaba e dos canais de

“Os inseticidas organoclorados se fixam na gordura corporal e podem ficar décadas no corpo”

co mais comum é na intoxicação aguda onde podem ocorrer, entre outros efeitos, fasciculações,⁴ tremores, convulsões, tonteiras, cefaléias e, nos casos graves, perda de consciência/coma.

IHU On-Line - Que doenças degenerativas a senhora aponta?

Neice Muller Xavier Faria - Depende do grupo químico e do organismo do trabalhador exposto (outras doenças concomitantes, pré-disposição genética) e do grau de exposição (que inclui vários aspectos das condições de trabalho). Além das neuropatias, podemos encontrar distúrbios respiratórios (asma e doença respiratória crônica inespecífica), gastrointestinais (incluindo hepatopatias) e endócrinos (hipotireoidismo/bócio), além de câncer. Varia conforme o produto envolvido.

IHU On-Line - Como e por quanto tempo essas substâncias costumam agir no corpo humano?

Neice Muller Xavier Faria - Esta resposta não é absoluta. Depende do tipo químico. Os inseticidas organoclorados se fixam na gordura corporal

glutamato-cloro (GluCl), componentes do sistema nervoso central. Isso causa a superexcitação dos músculos e nervos dos insetos contaminados, levando-os a morte. Fipronil é um ativo de ação lenta. Quando misturado a uma isca, ele permite que o inseto retorne a sua colônia e infecte os demais membros com uma taxa de sucesso de cerca de 95% em 3 dias para formigas e baratas. Fipronil é o ingrediente ativo de diversos produtos agropecuários como o Regent e o Termidor, atualmente comercializada pela Basf. A Bayer Ag também comercializa o Fipronil para usos veterinários como no produto Frontline para o tratamento de pulgas e carrapatos em animais domésticos. Fipronil foi desenvolvido pela Rhone-Poulenc e registrado sob a patente US Patent No. US 6,534,529 B2. Desde 2003, a Basf detém os direitos sobre a patente para a produção e venda de produtos a base de Fipronil em muitos países, incluindo o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

4 Fasciculações são tremores leves do músculo, quase espasmos. (Nota da IHU On-Line)

e podem ficar décadas no corpo (bem como no solo). Outros produtos apresentam a meia vida curta como os carbamatos. A questão que se discute hoje é que alguns produtos podem fazer aflorar problemas de saúde que podem permanecer mesmo depois que não tenha mais ação direta dos agrotóxicos. Os problemas psiquiátricos e respiratórios, por exemplo, foram associados à ocorrência de intoxicações no passado.

IHU On-Line - Pesquisas internacionais⁵ associam a doença de Parkinson à exposição excessiva de substâncias tóxicas como agrotóxicos. A senhora tem informações sobre isso? Pode nos falar um pouco sobre essa perspectiva?

Neice Muller Xavier Faria - Recentemente, eu estive num congresso internacional de saúde ocupacional, onde assisti uma apresentação de um pesquisador italiano que fez uma revisão de estudos envolvendo neurotoxicidade de agrotóxicos. Ele disse que, embora o tema seja controverso, várias evidências sugerem que existe esta associação. Mencionou especificamente a relação com os organofosforados. Mas tem uma tese brasileira, em São Paulo, que abordou parkinsonismo em relação ao manganês presente em fungicidas ditiocarbamatos.⁶

5 Sobre esse tema leia a matéria “Pesquisa relaciona a exposição a agrotóxicos com o aumento do risco de desenvolvimento da doença de Parkinson”, publicada nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) em 25-04-2009, disponível no link http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=21722. (Nota da IHU On-Line)

6 Os ditiocarbamatos (DTCs) pertencem a um grupo de agrotóxicos organossulfurados empregados na agricultura com ação fungicida. No Brasil, existem registrados seis tipos de substâncias da classe dos ditiocarbamatos como ingredientes ativos, para 41 diferentes tipos de culturas. A relevância toxicológica dessas substâncias deve-se a seus dois maiores produtos de degradação, etileno tiouréia (ETU) e propileno tiouréia (PTU), suspeitos de serem bocigênicos, carcinogênicos e mutagênicos em ratos. No país, o uso de ditiocarbamatos em culturas é intenso, conforme relatado pelo programa gerenciado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). (Nota da IHU On-Line)

O negócio do veneno é mais rentável do que o do remédio

Hoje, assegura Sebastião Pinheiro, todos os seres vivos estão contaminados com resíduos de DDT, o maior causador de câncer de próstata e de mama

POR PATRICIA FACHIN

A IHU On-Line conversou, por telefone, com o agrônomo Sebastião Pinheiro, responsável, junto com outros pesquisadores gaúchos, pela pesquisa divulgada em 1996, que avaliava a relação entre o índice de suicídio, o cultivo de fumo no município de Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul e os agrotóxicos. Pouco mais de dez anos depois de realizar um trabalho denunciando casos de suicídios na região, Pinheiro diz que novos estudos não chegaram a nenhuma conclusão, e relata que crianças em idade escolar, no município de Santa Cruz do Sul, até recentemente tomavam medicamentos para curar a depressão. Segundo ele, a justificativa para a aumento da doença na região é clara: os jovens “colhem fumo com as mãos, o veneno que está nas folhas da planta entra no corpo deles e provoca uma depressão”.

De acordo com o pesquisador, o negócio financeiro mais rentável, atualmente, é transformar petróleo em medicamento ou veneno. “Não é possível, através de remédios, fazer com que toda uma população fique doente, mas é fácil criar uma agricultura deficiente”, alerta. A invasão dos agrotóxicos não se restringe apenas à agricultura. Sebastião Pinheiro conta que, no Rio de Janeiro, estão vendendo uma mistura tóxica conhecida como “chumbinho”, que tem na sua base um dos inseticidas mais perigosos do mundo, o TEMIK. “Os traficantes misturam esse TEMIK com cocaína, e essa combinação faz o efeito do tóxico aumentar muito. A pergunta é: Misturar veneno com cocaína é um conhecimento que traficante, analfabeto tem condições de saber? De onde vem essa ideia? Não será de uma fábrica gigantesca?”, questiona.

O pesquisador enfatiza ainda que o “índice de envenenamentos, de nascimento de crianças com distúrbios neurológicos, com alterações hormonais chamados de disrupção endócrina, é a maior catástrofe que existe nesse planeta fora a contaminação dos alimentos, dos rios”.

Sebastião Pinheiro é engenheiro agrônomo, engenheiro florestal e ex-analista do Laboratório de Resíduos de Agrotóxicos do Meio Ambiente, e funcionário do Núcleo de Economia Alternativa (NEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor participou de uma pesquisa em 1996 que advertia, entre outras coisas, que o uso de agrotóxicos pela indústria do fumo induzia a suicídios no município de Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul. Como está a questão atualmente?

Sebastião Pinheiro - Após aquela pesquisa inicial, o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ) financiou um novo estudo com médicos e doutores, da qual eu não participei. Nessa análise, eles fizeram alguns levantamentos e, ao que me consta, não chegaram a nenhuma conclusão. Suicídio não tem uma origem única, cartesiana, direta; ele pode ter uma série múltipla de fatores. Assim, um grupo de médicos não tem condições de analisar alterações

no campo eletromagnético de pessoas expostas a praguicidas ou agrotóxicos. No momento em que eles não têm capacidade de avaliar isso, o resultado do trabalho não condiz com a realidade.

Hoje, sabemos que a maioria dos agrotóxicos altera o campo eletromagnético das pessoas, levando a uma série de fatores, entre eles a pré-disposição ao suicídio. No entanto, se analisarmos qualquer documento, seja ele civil ou militar, percebemos que uma das causas mais importantes é a depressão causada pela intoxicação, a qual desencadeia os suicídios. Como o assunto é complexo, necessitaria uma equipe multidisciplinar com amplo conhecimento de venenos para investigar o caso. Entretanto, não há, no

hemisfério sul, nenhuma equipe com esse gabarito.

Fumageiras no RS

Em Santa Cruz do Sul, a prefeitura tinha, até recentemente, um serviço de dar às crianças remédios faixa-preta. Crianças com idade escolar não podem tomar esses medicamentos. Por que os jovens do município têm depressão? Porque eles colhem fumo com as mãos. O veneno que está nas folhas da planta entra no corpo deles e provoca uma depressão; a nicotina por si só já é um depressivo. As empresas de agrotóxicos conseguem derrubar um presidente em algumas horas. Então, não podemos ser ingênuos e pensar

que esses assuntos serão esclarecidos rapidamente.

IHU On-Line - Que fatores favorecem a contaminação através de agrotóxicos?

Sebastião Pinheiro - No Rio Grande do Sul, existem duas grandes bacias hidrográficas. Quase toda a água que chove sob o estado vai para a Bacia do Jacuí ou para a Bacia do Ibicuí. Assim, os herbicidas, inseticidas e fungicidas contaminam as pessoas, primeiramente através da água. Além disso, a contaminação se dá também pelo ar e, pior ainda, através dos alimentos ingeridos. Quando comemos, estamos ingerindo resíduos tóxicos de elementos aplicados no campo, e esses resíduos chegam um milhão de vezes mais tóxicos nos alimentos do que quando aplicados na agricultura. Isso acontece porque a molécula química sofre uma alteração pela luz do sol, pela oxidação química, pelo calor etc. Então, o veneno utilizado nas lavouras se transforma em uma substância mais perigosa.

IHU On-Line - Há quanto tempo somos contaminados por essas substâncias?

Sebastião Pinheiro - Os primeiros venenos foram inventados na Europa e começaram a ser utilizados a partir de 1900. Eles foram inventados para serem usados nas guerras e também para matar pragas, ou seja, começaram a ganhar destaque a partir da Primeira Guerra Mundial. Com isso, a atividade militar passou a ser uma atividade civil.

O negócio mais rentável, atualmente, é transformar petróleo em medicamento ou veneno. Não é possível, através de remédios, fazer com que toda uma população fique doente, mas é fácil criar uma agricultura deficiente. Assim, o negócio financeiro do veneno é muito mais importante e rentável do que o do remédio. Todos os países precisam ter um estoque de armas químicas, e ele é obtido mais barato conforme mais veneno se usa. Essa é uma questão econômica. Por isso, todos os países procuram ter um complexo industrial para fabricação de armas químicas.

Quando Saddam Hussein brigou com

Bush, os americanos foram buscar no Iraque fábricas de veneno, vendidas em 1981 pelos alemães. Se fosse uma coisa criminosa, os alemães não teriam vendido. Venderam porque ganharam seis bilhões de dólares e depois ainda invadiram o país. Então, essas questões de agrotóxicos são estratégicas do ponto de vista econômico, político e ideológico.

Contaminação no Brasil

O rio mais importante do Brasil, Paraíba do Sul — entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais —, está localizado na maior área de PIB do país, pois nessa região se concentram grandes empresas. Há um mês, caíram 300 mil litros de um veneno proibido em todo o mundo, chamado Ensosulfan. Essa informação não saiu na grande imprensa porque as empresas de veneno

“O problema do uso de venenos, hoje, é mil vezes pior do que em 1980, quando não existia lei”

não deixam que isso venha a público. Nessa região extremamente estratégica, quantas pessoas estão tomando água contaminada? Quantos casos de câncer e leucemia irão existir? Mas esses questionamentos não representam um problema para a indústria do agrotóxico; pelo contrário, é lucro, porque a mesma empresa que faz o veneno fabrica o antídoto e vende o tratamento de desintoxicação.

Hoje, no Rio de Janeiro, estão vendendo um tal de “chumbinho”, um inseticida chamado Temik, um dos mais perigosos do mundo. Os traficantes misturam esse Temik com cocaína, e essa combinação faz o efeito do tóxico aumentar muito. A pergunta é: Misturar veneno com cocaína é um conhecimento que traficante, analfabeto tem condições de saber? De onde vem essa

ideia? Não será de uma fábrica gigantesca?

O problema do uso de venenos, hoje, é mil vezes pior do que em 1980, quando não existia lei. Isso porque vivemos uma ditadura econômica, e antes havia uma ditadura militar. Naquela época, os generais eram gerentes das fábricas de agrotóxicos e ganhavam propina sobre as vendas. Atualmente, a comercialização está aumentando de 12 a 15% ao ano. Qual é a função desse crescimento? É, por necessidade ou por que é um negócio sem controle?

IHU On-Line - Como e onde são feitos os testes com agrotóxicos? Os países subdesenvolvidos estão mais susceptíveis a contaminação?

Sebastião Pinheiro - A Suíça, um país extremamente rico, tem a primeira maior empresa de agrotóxicos do mundo, chamada Ciba-Geigy. Essa companhia, na década de 80, utilizou crianças latino-americanas como cobaias para testar um agrotóxico comprovadamente causador do câncer em seres humanos. Na Suíça — já estive lá —, existe um movimento muito forte de jovens e ambientalistas para que as empresas não usem animais em pesquisas laboratoriais. Não querem usar animais, mas utilizam crianças. Eu estava na Alemanha quando isso foi denunciado, e o gerente da empresa suíça disse que, a partir daquele momento, as pesquisas deles não usariam mais papel timbrado, porque os relatórios foram feitos nesses papéis e ali estavam registradas todas as pesquisas feitas com crianças na América Latina.

Os venenos deixaram de ser utilizados em grandes quantidades na Europa, e os europeus, a partir de 1970, passaram a transferir todas as fábricas de agrotóxicos do território europeu e norte-americano para a Índia, Brasil, Argentina, o México e a China. As empresas montaram as mesmas fábricas em países periféricos. Os governos corruptos brasileiros aceitam essas empresas, oferecem terrenos e condições para que elas funcionassem aqui. Com dinheiro público, foi instalada em Camaçari, Bahia, uma fábrica de herbicidas.

Um grupo de pessoas que não tem um objetivo para seus filhos e netos não forma um país, uma sociedade; é um grupo de bandoleiros que espera para levar vantagens. O Brasil é o maior mercado de agrotóxicos do mundo, o mais rentável.

Danos à saúde

O desastre que aconteceu em Bhopal, na Índia, em dezembro de 1984,¹ revela o perigo que os agrotóxicos representam para a sociedade. Nessa data, cerca de 40 toneladas de metil isocianato e outros gases letais vazaram da fábrica de agrotóxicos da Union Carbide Corporation, e mais de 15 mil pessoas foram intoxicadas. Durante mais de 10 anos, as crianças nasceram sem o globo ocular.

O índice de envenenamentos, de nascimento de crianças com distúrbios neurológicos, com alterações hormonais chamados de disrupção endócrina, é a maior catástrofe que existe nesse Planeta, fora a contaminação dos alimentos, dos rios. No fundo do oceano Atlântico, existem 120 milhões de toneladas de DDT depositadas na lama. Hoje, não existe um ser vivo que

¹ A tragédia de Bhopal, capital do estado de Madhya Pradesh, na Índia, ocorreu na madrugada de 3 de dezembro de 1984, quando 40 toneladas de gases tóxicos fatais (gases como o isocianato de metila e o hidrocianeto) vazaram na fábrica de pesticidas da empresa norte-americana Union Carbide. É o pior desastre industrial ocorrido até hoje e é um exemplo de crime corporativo. Mais de 500 mil pessoas, a sua maioria trabalhadores, foram expostas aos gases e pelo menos 27 mil morreram por conta disso. A Union Carbide se negou a fornecer informações detalhadas sobre a natureza dos contaminantes, e, como consequência, os médicos não tiveram condições de tratar adequadamente os indivíduos expostos. Cerca de 150 mil pessoas ainda sofrem com os efeitos do acidente e aproximadamente 50 mil pessoas estão incapacitadas para o trabalho, devido a problemas de saúde. As crianças que nascem na região filhas de pessoas afetadas pelos gases também apresentam problemas de saúde. Mesmo hoje os sobreviventes do desastre e as agências de saúde da Índia ainda não conseguiram obter da Union Carbide e de seu novo dono, a Dow Química, informações sobre a composição dos gases que vazaram e seus efeitos na saúde. Apesar deste quadro absurdo, a fábrica da Union Carbide em Bhopal permanece abandonada desde a explosão tóxica enquanto que resíduos perigosos e materiais contaminados ainda estão espalhados pela área, contaminando solo e águas subterrâneas, dentro e no entorno da antiga fábrica. (Nota da IHU On-Line)

não tenha em suas células resíduos de DDT. Não há leite materno que não tenha DDT — essa substância é o maior causador de câncer de próstata e de mama. Sempre que denunciei isso, fui levado para o FMI ou punido pelo Ministério da Agricultura; segundo eles, eu era contra o progresso.

IHU On-Line - Na cultura do fumo, qual é a média de agrotóxicos utilizada nas lavouras?

Sebastião Pinheiro - Em um ano de muita seca, há cerca de 10 anos, se chegou a utilizar 30 quilos de agrotóxicos por hectare, e alguns dados dizem que já se utilizou 100 quilos por hectare. Fumo é um cultivo muito raro e um dos mais recentes do mundo, e não existia antes de 1452. Cristovão Colombo, quando chegou a América, descobriu uma coisa rara: os índios cultivavam

“O desastre que aconteceu em Bhopal, na Índia, em dezembro de 1984, revela o perigo que os agrotóxicos representam para a sociedade”

uma planta que secavam, enrolavam, faziam o charuto, fumavam e ficavam muito relaxados. Imediatamente, sementes foram levadas para a Espanha. A partir daí, a cultura do fumo é uma cultura que passa a ser oferecida pela Coroa Espanhola. Como o negócio do fumo virou um vício, os ingleses também queriam dominar esse comércio. Então, a Inglaterra invadiu a colônia Espanhola na América do Norte e instalou uma colônia de imigrantes para plantar fumo. Hoje, todo o negócio do fumo pertence à Coroa Inglesa, que aluga a terra de forma barata, e não paga o que deveria. Além disso, tem no agricultor uma pessoa descartável

e que, quando fica doente, joga fora. Empresas como a Souza Cruz são facha. O maior negócio do mundo é vender fumo, porque esse é um narcótico legalizado.

Aqui no Brasil, quando um agricultor quer plantar fumo, ele é obrigado a ir a uma empresa fumageira, e a comprar a semente, o fertilizante e o agrotóxico dessa companhia. Além disso, precisa a entregar toda a sua produção. Além do mais, deve pedir um crédito no Banco do Brasil em nome da fumageira, que recebe esse crédito e o revende ao agricultor.

IHU On-Line - Como compreender que a indústria fumageira é apontada como modelo de tecnologia e ao mesmo tempo expõe os trabalhadores desse ramo a péssimas condições de trabalho?

Sebastião Pinheiro - Quando vejo essas informações na mídia, fico assustado.

Qual é o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul, onde se cultiva fumo? Eles não estão entre os cem primeiros, porque toda a riqueza criada pelo fumo não é uma riqueza que se divide entre a população, em desenvolvimento social e humano. Isso é uma forma de roubo concedido. 73% de um maço de cigarro são impostos federais. Então, o maior beneficiário disso é o governo na arrecadação de impostos. Por isso, administrações como a de Yeda Crusius estão subordinadas a essas empresas. As fumageiras são as responsáveis no Brasil por todo o contrabando de fumo. Existem empresas aqui que foram compradas com dinheiro da primeira Guerra do Golfo.

Plantações no RS

No Rio Grande do Sul, existem 500 mil plantadores de fumo. As taxas de juros seriam baixas se esses agricultores se reunissem e tirassem um empréstimo só, como a Souza Cruz faz. No momento em que a Souza Cruz é responsável por esse intermédio, ela fica com parte das taxas, ou seja, ganha dinheiro ao revender o crédito. As empresas de fumo arrecadam com antecedência os impostos, mas, para

isso, exigem que o banco dê crédito para seus agricultores plantarem o fumo. Então, eles oferecem o pagamento do imposto adiantado e abatem o valor das taxas sobre esse pagamento. Isso não é democrático, mas tributariamente é legal.

A Souza Cruz, no passado, comprava 18 navios de agrotóxicos da Alemanha. Ela não pagava taxa nenhuma e vendia o produto a preço de varejo. Quanto ela ganhou? De 400 a 600% sobre a venda. Isso mostra que o negócio do fumo é financeiro. No entanto, não existe um centro nacional de pesquisa sobre esse produto. A Embrapa tem centros de pesquisas sobre vários produtos, menos de fumo. Por quê? É proibido! É proibido nas faculdades de agronomia se estudar esse modelo de cultivo.

IHU On-Line - Como a lavoura do fumo e o uso de agrotóxico praticado nela ajudam a solidificar a monocultura e extinguir a agricultura familiar?

Sebastião Pinheiro - O cultivo do fumo é muito débil, cada pé da planta chega a 1,80 de altura e necessita de um cuidado fantástico. Além disso, esse plantio precisa de uma mão-de-obra gigantesca. Uma família rural com dez pessoas não pode tomar conta de mais de 30 mil pés de fumo. O trabalho é maciço, é preciso cuidar de pé por pé para que não nasça inço. Como necessita de uma grande quantidade de mão-de-obra, a indústria do fumo destrói a agricultura familiar, porque o agricultor familiar é obrigado a plantar tudo que necessita. O agricultor do fumo, por sua vez, não pode ter outros cultivos dentro da sua propriedade, porque a fumageira não permite. Então, esse homem passa a ser um assalariado na área rural. Ele trabalha na terra, é dono dela, mas o vínculo que tem com essa terra é de salário. Descendentes de plantadores de fumo não querem dar continuidade a essa atividade e saem da propriedade para trabalhar de operário em uma fábrica de calçados. Para o pai que criou esse filho, ver isso é o maior golpe, pois esse fato representa uma ruptura entre gerações e o respeito. O modelo econômico das fumageiras é uma das causas incidentes dos suicídios. O veneno faz mal, e esse modelo de exploração é diabólico.

IHU On-Line - Que percentual de terras do estado é destinado a esse plantio?

Sebastião Pinheiro - Um terço dos municípios do Rio Grande do Sul tem áreas plantadas de fumo. Planta-se fumo no estado em aproximadamente 200 municípios; desses, alguns plantam de 30 a 40% da área de todo o município. Por volta de 1960, a Rodésia, uma região da África no período da colonização, tinha um regime racista e não permitiam que os negros vivessem no país. Hoje, a região da Rodésia em que existia fumo se transformou em Zimbábue, Zâmbia, Uganda. Essa gente emigrou porque os árabes passaram uma moção às Nações Unidas dizendo que, em função do racismo, nenhum país poderia comprar fumo da Rodésia. Por isso, houve uma grande migração de capitais ingleses da Rodésia para o Brasil, que passou a produzir fumo principalmente no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná. As áreas de colônias que já existiam nesses estados foram utilizadas para esse fim.

IHU On-Line - O que mais choca nesse tipo de trabalho?

Sebastião Pinheiro - O mais dramático é o trabalho final. O ponto mais grave é que, depois de plantar o fumo, precisa secá-lo num forno e isso obriga as pessoas a trabalharem dia e noite. Não podem dormir, porque qualquer descuido pode incendiar toda a produção. Outro problema dramático é a venda. Quem determina a qualidade e o preço do produto são as fumageiras. Elas fazem uma pesquisa e averigam como está a produção em outros países. Então, alteram a classificação aqui no Brasil. Todo o fumo de alta qualidade é comprado como de segunda categoria para aumentar a margem de lucro delas, que ganham sobre o trabalho dos agricultores. Então, a concentração de suicídios nos municípios é sempre próxima à comercialização da safra, logo depois da colheita. O trabalhador imagina que irá receber por uma classificação máxima, e recebe menos. Assim, se acha incompetente e acaba se suicidando. A indústria do fumo é uma máfia.

PARTICIPE DO COLÓQUIO INTERNACIONAL A ÉTICA DA PSICANÁLISE: LACAN ESTARIA

JUSTIFICADO EM DIZER “NÃO CEDAS DE TEU DESEJO”? [NE CÈDE PAS SUR TON

DÉSIR]? INSCRIÇÕES ABERTAS NO SITE WWW.UNISINOS.BR/IHU.

Agrotóxicos: um caso de Saúde Pública

Segundo Tarcísio Pinheiro, 75% dos trabalhadores rurais usam agrotóxicos nas propriedades. Para ele, o uso disseminado dessas substâncias vai elevar o índice de doenças crônicas

POR PATRICIA FACHIN

“**H**oje, existem mais de 400 princípios ativos de agrotóxicos utilizados isoladamente e combinados com outras substâncias, o que potencializa o efeito”, assinala Tarcísio Pinheiro, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essas substâncias químicas, explica o pesquisador, são responsáveis por doenças crônicas e agudas, que nem sempre são diagnosticadas com precisão, o que retarda o atendimento e o combate aos agrotóxicos. “Com relação às doenças crônicas, temos um grande problema, pois é difícil caracterizá-las. É mais fácil identificar os efeitos agudos, uma vez que os trabalhadores conseguem informar de forma mais precisa os sintomas”, aponta.

Pinheiro estuda a saúde de trabalhadores rurais em Minas Gerais e relata que é muito comum a utilização de coquetéis de agrotóxicos variáveis, o que, segundo ele, dificulta “correlacionar essas exposições com alguns efeitos crônicos”. Em casos graves, a intoxicação pode levar à morte. “Temos situações onde o agricultor tem uma exposição maciça, extensa, grave e às vezes fatal, em minutos ou horas.” E enfatiza: “Esses óbitos acontecem devido a alterações neurológicas, cardiovasculares e pulmonares”.

Em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, Pinheiro alerta ainda para um problema grave de intoxicação. “Nos prontos-socorros das grandes cidades brasileiras, nos setores de toxicologia, intoxicações por agrotóxicos são a terceira grande causa de atendimentos, perdendo apenas para medicamentos e picadas por animais peçonhentos”.

Pinheiro concluiu o doutorado em Saúde Coletiva, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com a tese intitulada *A vigilância em saúde do trabalhador no Sistema Único de Saúde: A vigilância do conflito e o conflito da vigilância*. Atualmente, é professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os principais riscos à exposição de pesticidas?

Tarcísio Pinheiro - Existem riscos para a saúde e para o meio ambiente. Quando pensamos na questão humana, temos uma gama muito ampla de efeitos e impactos agudos e crônicos, que vão aparecer anos após a exposição. Ao mesmo tempo, esses efeitos podem ser localizados – dependendo da forma de exposição –, por exemplo, na pele, nos olhos. Em alguns casos também são sistêmicos, ou seja, se espalham pelo corpo, afetando alguns órgãos.

Entretanto, as pessoas reagem de maneiras diferentes. Embora tenhamos um patamar mais generalizado, as reações são individuais e precisam ser observadas.

Com relação às doenças crônicas, temos um grande problema, pois é difícil

caracterizá-las. É mais fácil identificar os efeitos agudos, uma vez que os trabalhadores conseguem informar de forma mais precisa os sintomas. Além do mais, é muito comum os trabalhadores rurais utilizarem diversas substâncias, o que chamamos de coquetel de agrotóxicos variáveis. Ao longo dos anos, correlacionar essas exposições com alguns efeitos crônicos se torna uma tarefa extremamente minuciosa, já que os sintomas aparecem anos após a exposição, como o câncer. Essas doenças têm um processo de evolução muito intenso e são de certa forma multideterminados. Isso torna o estabelecimento donexo causal extremamente difícil, do ponto de vista científico, uma vez que os efeitos não são específicos. Um determinado agrotóxico produz cânceres com diferentes

características, ou seja, não há uma especificidade desse tipo de dano.

Toxicidade dos agrotóxicos

Sabemos que, hoje, existem mais de 400 princípios ativos de agrotóxicos utilizados isoladamente e combinados com outras substâncias, o que potencializa o efeito. Além dos princípios ativos, encontramos substâncias chamadas inertes, utilizadas no sentido de alterar as ações e facilitar a absorção. Essas são capazes de provocar danos mais graves. Além disso, os agrotóxicos são classificados do ponto de vista toxicológico numa escala que varia de I a IV, sendo que os de classe toxicológica I são os mais perigosos.

IHU On-Line - Alguns estudos reve-

lam que insetos transmissores de doenças, como malária, leishmaniose e dengue, ficam mais resistentes diante dos agrotóxicos. É possível relacionar os agrotóxicos a casos de epidemias recentes como a da dengue, por exemplo?

Tarcísio Pinheiro - Do ponto de vista de literatura científica, há uma farta evidência de que esse uso de agrotóxicos, ao longo do tempo, foi capaz de gerar um nível enorme de resistência das pragas. Assim, esses insetos tiveram uma capacidade de adaptação e de resistência aos agrotóxicos maior se comparada a outras espécies. Isso gerou um desequilíbrio: algumas pragas foram eliminadas, mas outras apareceram ainda mais resistentes. O que a história tem mostrado é que são usados cada vez mais agrotóxicos, e as pestes estão ainda mais resistentes. Para o trabalhador rural, isso é muito angustiante porque se gasta muito numa intensidade maior e com eficácia menor. Os transgênicos entram no bojo dessa crise, numa certa perda do combate às pragas.

Percebemos que a questão da dengue é complexa do ponto de vista da sua gênese, mas temos observado que os setores da Saúde Pública responsáveis pelo combate, além de causarem problemas aos trabalhadores que aplicam essas substâncias, estão liberando produtos que não tem sido capazes por si só de controlar os vetores. Isso tem feito com que se mude de estratégias do ponto de vista de combate. Há, às vezes, uma substituição de determinados produtos, porque os vetores estão “mais acostumados ou resistentes” àqueles anteriores. É uma luta que tem se travado, difícil e árdua quando se trata do controle. Em Belo Horizonte, controlaram a dengue com dois tipos de pesticidas, mas recentemente a prefeitura precisou mudar o produto utilizado. Isso é uma evidência dessa dificuldade do controle da resistência.

IHU On-Line - A que alterações clínicas, imunológicas e biológicas os trabalhadores expostos aos agrotóxicos estão sujeitos?

Tarcísio Pinheiro - Temos situações

onde o agricultor tem uma exposição maciça, extensa, grave e às vezes fatal, em minutos ou horas. Esses óbitos acontecem devido a alterações neurológicas, cardiovasculares e pulmonares. Então, há um mecanismo de concentração nesses órgãos que pode gerar múltipla falência de sistemas, culminando com morte imediata. Por outro lado, existem situações mais leves e banais que por vezes passam desaparcidas, principalmente nas intoxicações leves. Nesses casos, os sintomas são dor de cabeça, transtorno gastrointestinal, um mal-estar geral, ou seja, algum quadro bastante inespecífico que o trabalhador tem dificuldade de perceber, e o profissional de saúde, de fazer uma relação.

O aparelho neurológico psiquiátrico é afetado com frequência e os efeitos são bastante evidentes. Mas alguns efeitos são mais difíceis de serem

“A história tem mostrado que são usados cada vez mais agrotóxicos, e as pestes estão ainda mais resistentes”

diagnosticados como alteração reprodutiva, infertilidade, aborto, má formação congênita, quadros asmáticos, alergias. Ou seja, temos uma variabilidade muito grande do ponto de vista da apresentação clínica. Um aspecto que tem chamado muita atenção hoje é o quanto esses produtos afetam o sistema imunológico do ponto de vista negativo. Isso significa abrir uma porta de entrada no nosso organismo para uma série de infecções.

IHU On-Line - Em que sentido a saúde dos trabalhadores rurais está sofrendo alterações nos decorrer dos anos?

Tarcísio Pinheiro - O que nos preo-

cupa, do ponto de vista do trabalho rural, é o uso bastante disseminado de agrotóxicos. Trabalhos apontam uma presença acentuada de agrotóxicos em processos de trabalhos rurais, o que quer dizer que temos, do ponto de vista humano, um grande número de pessoas expostas. Aproximadamente, 20% da população vive no meio rural. Se formos fazer um exercício de projeção imaginando dados que relatam a presença de agrotóxicos nas propriedades rurais, percebemos que esse número chega a 95%, e que, dentre os trabalhadores rurais, 75% usam o agrotóxico, teremos uma população exposta com um nível de grandeza muito grande, ou seja, cerca de 20 milhões de pessoas infectadas.

O Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos no meio rural, e os produtos usados têm uma toxicidade reconhecida, mas não se discutem os impactos humanos e ambientais. Ao mesmo tempo, temos uma dificuldade enorme de controle. Alguns trabalhadores utilizam equipamentos individuais, mas eles são muito desconfortáveis, além de terem um custo econômico elevado, fazendo com que os mais desfavorecidos não consigam adquirir essas medidas de proteção.

IHU On-Line - Os agricultores têm consciência dos riscos desses adubos químicos ou de fato já são reféns deles?

Tarcísio Pinheiro - Ao lidar com os agricultores, os vendedores referem-se a esses produtos químicos como remédios ou venenos. Então, não se trata de falta de consciência. Os trabalhadores sabem dos riscos e os sentem na pele. Talvez não tenham conhecimento de detalhes técnicos e clínicos sofisticados. Entretanto, relatam que querem sair desta situação, não só por uma questão de risco de saúde, mas também pela questão econômica. O custo de um agrotóxico de algumas produções é intenso, chegando a 35% do custeio do produto. Então, o trabalhador, de modo geral, tem consciência dessa situação, e tenta buscar novas saídas, mas esbarra numa série de dificuldades.

IHU On-Line - Partindo da perspec-

tiva da Saúde Coletiva, quais são as propostas para tratar intoxicações por agrotóxicos?

Tarcísio Pinheiro - A Saúde Coletiva tem como foco a abordagem de atuar nas causas das doenças. Quando recebemos um caso onde caracterizamos a exposição a agrotóxicos, esse quadro serve como ponto de partida, porque outros trabalhadores estão expostos ou correm o risco de desenvolverem os mesmos sintomas. Isso quer dizer que, além de cuidar do paciente individual, precisamos pensar em medidas do ponto de vista coletivo e de vigilância. Assim, a abordagem é muito mais ampla. A questão dos agrotóxicos não é eminentemente médica, mas diz também respeito aos economistas, sociólogos, engenheiros agrônomos, profissionais da terra, no sentido de buscarmos soluções. Particularmente, penso que, se temos um determinado agente capaz de gerar danos à saúde, precisamos pensar em alternativas de produção sem a utilização desses produtos. Do ponto de vista dos agrotóxicos, mais do que fazer milhares de investimentos para buscar os efeitos e identificarmos os danos, devemos procurar alternativas que significassem o não uso dessas substâncias, ou seja, eliminar o mal pela raiz. A solução definitiva para o problema significa rever a superação do uso do agrotóxico, e acho pouco provável conseguir, com educação e equipamentos de proteção individual, superar esse problema, ainda mais quando pensamos do ponto de vista ambiental. Como vamos preservar os peixes, por exemplo? Vamos prescrever equipamentos de proteção para toda a gama de espécies? Acredito que somos capazes de buscar alternativas. Há uma série de técnicas na agricultura orgânica e na agroecologia para produzir e abastecer mercados, sem riscos. Esse é nosso grande desafio.

IHU On-Line - As doenças e intoxicações causadas pelos agrotóxicos já representam um caso de Saúde Pública no país?

Tarcísio Pinheiro - Sim, apesar de toda a dificuldade que temos do pon-

to de vista do reconhecimento e da notificação. Os casos de intoxicação por agrotóxicos são tão relevantes que hoje, no país, somos obrigados a notificar o caso de intoxicação por esses produtos químicos. Nos prontossocorros das grandes cidades brasileiras, nos setores de toxicologia, intoxicações por agrotóxicos são a terceira grande causa de atendimentos, perdendo apenas para medicamentos e picadas por animais peçonhentos. Isso é grave e movimenta aproximada-

“A solução definitiva para o problema significa rever a superação do uso do agrotóxico, e acho pouco provável conseguir, com educação e equipamentos de proteção individual, superar esse problema, ainda mais quando pensamos do ponto de vista ambiental”

mente 15% do serviço de toxicologia. Então, é uma situação preocupante. Temos uma população exposta de magnitude importante, e isso torna a questão, no meu entender, um grave problema de Saúde Pública que precisa ser tratado. Nos países europeus, o tratamento de intoxicações por agrotóxicos é prioridade do ponto de vista de Saúde Pública. No Brasil, estamos melhorando a notificação e a formação dos profissionais.

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE

WWW.UNISINOS.BR/IHU



UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana





UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



Terra Habitável

O comércio justo responde aos desejos dos consumidores

Para o economista e consultor americano Michael Conroy, a crise econômica parece estar criando ainda mais consciência da necessidade para o desenvolvimento de um futuro mais sustentável

POR GRAZIELA WOLFART

Um dos assuntos abordados na edição 295 da IHU On-Line, *Ecoeconomia. Uma resposta à crise ambiental?*, foi o consumo ético. Assim, retornamos a esse aspecto na entrevista a seguir, realizada com o economista americano Michael Conroy, que defende que a certificação de produtos que estejam adequados a práticas social e ambientalmente responsáveis é uma revolução.

De Austin, no Texas, onde fica a sede da Colibri Consulting, empresa que Conroy dirige e que atua em certificação e desenvolvimento sustentável, ele falou à IHU On-Line, por e-mail, sobre como as ONGs podem mudar o comportamento das grandes corporações. Essa história ele conta em detalhes no livro *Certificado! – A Certificação de Produtos Transformando as Corporações Globais*, que será lançado no Brasil em junho, pela WGB Editora.

IHU On-Line - Neste momento de crise global da economia capitalista, quais são as possibilidades e os limites de pensar uma economia que leve em conta a sustentabilidade da terra?

Michael Conroy - Estamos percebendo que a crise econômica parece estar criando ainda mais consciência da necessidade para o desenvolvimento de um futuro mais sustentável. Muitas revistas nos Estados Unidos e na Europa relatam que os consumidores estão focados cada dia mais na necessidade de proteger recursos naturais, reduzir o consumo exagerado e repensar os padrões que nos levaram à crise.

IHU On-Line - Como as ONGs podem mudar o comportamento das grandes corporações? Em geral, as empresas não obedecem apenas às regras do mercado?

Michael Conroy - No século passado, essa ideia era mais clara do que agora. Desde os anos 1990, a sociedade civil tem encontrado novas maneiras para transformar as práticas das grandes empresas por meio de três passos: 1) novas e poderosas “campanhas de mercado”

enfocadas nas falhas sociais e ambientais da cadeia de abastecimento, como exploração de trabalhadores e danos ambientais; 2) novos “sistemas de certificação” para verificar o cumprimento das empresas com novas normas “negociadas”; e 3) reconhecimento por parte das empresas de que não podem continuar suas práticas anteriores na era da informação instantânea da internet.

IHU On-Line - As empresas podem perder o valor de suas ações no mercado financeiro caso seu nome esteja associado à destruição de florestas, por exemplo? As grandes corporações realmente arriscam suas marcas se forem associadas com práticas ambientalmente irresponsáveis?

Michael Conroy - Não há dúvidas de que perder o valor de sua marca (brand) é o maior risco para as empresas que estão envolvidas em práticas irresponsáveis; e a internet tem sido o instrumento revolucionário para acelerar esse processo. Somente por meio da confirmação independente dos sistemas de certificação é que se podem reduzir esses riscos de forma séria. E isso não depende

tanto da educação dos consumidores ou da educação dos clientes, em negócios menores na cadeia de abastecimento, mas principalmente das grandes cadeias de lojas de venda final.

IHU On-Line - A economia atual comporta o comércio justo e ético na prática? Lucro e comércio/consumo ético e sustentável são compatíveis, principalmente neste momento de crise financeira?

Michael Conroy - Cada dia é mais evidente que o comércio justo responde aos desejos dos consumidores. Uma pesquisa muito recente indica que nove em cada dez consumidores nos Estados Unidos querem que seus produtos venham de processos onde os produtores recebem preços mais justos; oito em cada dez querem apoiar empresas que contribuem ao desenvolvimento das comunidades dos produtores e trabalhadores, e seis em cada dez pedem “castigo” às empresas identificadas com práticas de exploração de trabalhadores ou destruição do meio ambiente.

IHU On-Line - Por que o senhor acre-

“Não há dúvidas de que a sociedade começa a reconhecer o caos climático, cada dia mais”

ditada que a certificação de produtos que estejam adequados a práticas socialmente e ambientalmente responsáveis é uma revolução? Que tipo de mudança a certificação pode trazer aos negócios, ao comportamento das empresas, à sociedade e, principalmente, à economia?

Michael Conroy - O movimento pela certificação de dimensões sociais e ambientais representa a maior força que temos visto em mais de cem anos para forçar mudanças nas práticas básicas das empresas transnacionais. Ele está criando mudanças que nenhuma nação ou nenhuma agência internacional pode fazer, e que a OMC não permite que os países exerçam por meio de controles sobre as importações. Pela primeira vez em mais de cem anos, a sociedade civil agora tem uma forma de castigar as empresas irresponsáveis e premiar as que adotem as práticas mais justas e sustentáveis.

IHU On-Line - Quais são os principais impactos da atual crise econômica internacional sobre o interesse das empresas de vários setores pela certificação socioambiental?

Michael Conroy - Todos estávamos preocupados que a crise iria conduzir a uma forte redução na compra de produtos mais justos e sustentáveis, ou porque as empresas não estariam dispostas a oferecê-los a seus clientes (porque necessariamente custam um pouco mais), ou porque os consumidores não os comprariam com tanta frequência. Mas há quatro estudos novos que indicam que as empresas mais identificadas com a sustentabilidade têm sofrido menos danos durante a crise ou tem ganhado mais do que as outras empresas; as cadeias de lojas de venda final estão oferecendo ainda mais produtos certificados com “qualidade ética” porque são produtos “diferenciados” e com mais altas taxas de ganho, e os consumidores continuam aumentando suas compras destes produtos. Tem sido uma maravilha ver o compromisso profundo que isso indica.

Entrevista da Semana

A exacerbação como traço fundamental de Dostoiévski

Obra do autor russo tem a exacerbação como marca da estilização, pontua a crítica literária Aurora Fornoni Bernardini. Análises psicológicas e a busca pela essência do catolicismo fazem parte da fase madura de seus escritos

POR MÁRCIA JUNGES

“Quase toda a sua narrativa é exacerbada, ao contrário de Tchékhov, que começa e termina em pianíssimo”, define a crítica literária Aurora Fornoni Bernardini na entrevista a seguir, concedida com exclusividade à IHU On-Line, por e-mail, analisando a obra de Fiódor Dostoiévski. *Os irmãos Karamázov* é um clássico que continua atual, com um desfecho alvissareiro, um verdadeiro “hino à irmanação universal, antitético ao final de *Os demônios*, que é uma diatribe contra a ‘desirmanação’ universal, hipostasiada por Dostoiévski em certos ramos do populismo russo”. No discurso *O grande inquisidor*, capítulo famigerado dos *Karamázov*, assim como nas falas do Príncipe Michkin, de *O Idiota*, a religião é tema recorrente, e demonstra a busca de Dostoiévski pela essência do catolicismo em suas obras da maturidade.

Bernardini possui, pela Universidade de São Paulo (USP), graduação em Letras – Língua e Literatura Inglesa, mestrado em Letras – Língua e Literatura Italiana, doutorado em Literatura Brasileira e livre docência em Literatura Russa. Atualmente, é professora da USP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura comparada, literatura russa, literatura italiana, teoria literária, teoria da narrativa e tradução literária. Traduziu, com Haroldo de Campos, poemas de Giuseppe Ungaretti em *Daquela estrela à outra* (São Paulo: Ateliê, 2003) e de Marina Tsvetáeva em *Indícios flutuantes* (São Paulo: Martins Fontes, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Poderia explicar por que afirma que Dostoiévski¹

¹ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O idiota*, *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006 dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da IHU On-Line)

busca um resgate da essência do catolicismo em seus romances da maturidade?

Aurora Bernardini - Sempre insisto com meus alunos para que privilegiem as citações dos textos do autor cuja obra estão analisando. A citação de um trecho, em tradução fiel, direta do original, é a garantia

que se pode dar de não se estar desvirtuando o que o autor escreveu.

Mesmo que as interpretações variem — sabe-se, uma obra artística está aberta a muitas interpretações (embora não a todas, conforme também ensina Umberto Eco² em *Interpretação e superinterpretação*) — mesmo que as interpretações variem, o leitor sempre terá o texto original para checar a sua própria (interpretação).

Ao se tratar de um romance, sabe-se que a voz do narrador pode não coincidir com a voz do autor, ainda mais se o autor for Dostoiévski. Neste caso, conforme mostrou Mikhail Bakhtin em seu clássico *Problemas da poética de Dostoiévski*, não apenas há diferentes vozes se orquestrando (e às vezes orquestrando diferentes opiniões sobre um mesmo fato), mas nenhuma se sobrepõe à outra — daí o termo “polifonia”.

Claro está que, em trabalhos acadêmicos de fôlego [rigorosos e exaustivos], autores como o russo Leonid Grossman ou mesmo o americano Joseph Frank,³ comparando as diferentes obras ficcionais do autor com seus diários e seus artigos, podem chegar a discernir a “voz do autor” sobre de-

terminado assunto.

Obviamente, o que cabe aqui, num espaço reduzido, para responder sobre as críticas ao catolicismo e ao regate de sua essência, é remeter, entre outras, à leitura da parábola de *O grande inquisidor* — um capítulo de *Os irmãos Karamázov* — e às críticas do príncipe Michkin em *O idiota* (ambos os livros em tradução direta de Paulo Bezerra⁴). Aqui vai um extrato famoso da intervenção do príncipe:

...O Catolicismo é o mesmo que uma fé não cristã! — acrescentou de repente [o príncipe], com os olhos brilhando, olhando à sua frente e ao mesmo tempo correndo a vista por todos.

— Ora, isso é demais — proferiu o velhote e olhou surpreso para Ivan Fiódorovitch.

— Então como é que o Catolicismo é uma fé não cristã? — virou-se na cadeira Ivan Petróvitch. — Então, que fé é?

— Uma fé não cristã, em primeiro lugar — tornou a falar o príncipe com uma inquietação extraordinária e com uma nitidez fora da medida. — Isso em primeiro lugar; em segundo, o Catolicismo romano é até pior do que o próprio ateísmo, é essa a minha opinião! Sim! É essa a minha opinião! O ateísmo também prega o nada, mas o Catolicismo vai além: prega um Cristo deformado, que ele mesmo denegriu e profanou, um Cristo oposto! Ele prega o anticristo, eu lhe juro, lhe asseguro! Esta é uma convicção minha e antiga, e ela me atormentou... O Catolicismo romano acredita que sem um poder estatal mundial a Igreja não se sustenta na Terra e grita: “Non possumus!”

A meu ver, o Catolicismo romano não é nem uma fé mas, terminantemente, uma continuação do Império Romano do Ocidente, e nele tudo está subordinado a esse pensamento, a começar pela fé. O papa apoderou-se da Terra, do trono terrestre e pegou a espada; desde então não tem feito outra coisa, só que à espada acrescentou

4 Paulo Bezerra: historiador e filólogo brasileiro, tradutor de Dostoiévski do russo para o português, diretamente. Confira na edição 195, de 11-09-2006, a entrevista *Os desafios da tradução direta*, concedida por Bezerra à IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

a mentira, a esperteza, o embuste, o fanatismo, a superstição, o crime, brincou com os próprios santos, com os sentimentos verdadeiros, simples e fervorosos do povo, trocou tudo, tudo por dinheiro, pelo vil e poderoso poder terrestre. Isso não é uma doutrina anticristã?! Como o ateísmo não iria descender deles? O ateísmo derivou deles, do próprio Catolicismo romano! (...)

— O senhor e-xa-gera muito — arastou Ivan Petróvitch com um certo tédio e até como que meio envergonhado por algo — na Igreja de lá também há representantes dignos de qualquer respeito e be-ne-méritos...

— Eu nunca falei de representantes isolados da Igreja. Estou falando do Catolicismo romano em sua essência, estou falando de Roma. Por acaso a Igreja pode desaparecer totalmente? Eu nunca disse isso!

— Concordo, mas tudo isso é sabido e inclusive — desnecessário e... per-tence à teologia.

— Oh, não, oh, não! Não só à teologia, eu lhe asseguro, lhe asseguro que não! Isto nos afeta muito mais de perto do que o senhor imagina. Todo o nosso equívoco está aí, em ainda não conseguirmos perceber que essa questão não é só e exclusivamente teológica! Porque o socialismo é criação do Catolicismo e da essência católica! Ele, como seu irmão o ateísmo, também foi gerado pelo desespero, em contraposição ao Catolicismo no sentido moral, para substituir o poder moral perdido da religião, para saciar a sede espiritual da humanidade sequiosa e salvá-la não por intermédio de Cristo, mas igualmente da violência! (...)

O texto fala por si. Lembre-se, entretanto, que esta é uma fala do príncipe Michkin, o “Idiota” que dá o título ao livro, e que tem elementos de Dom Quixote⁵ e de Cristo, segundo a críti-

5 Dom Quixote de La Mancha: livro escrito por Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616), surgiu em um período de grande inovação e diversidade por parte dos escritores ficcionistas espanhóis. Parodiou os romances de cavalaria que gozaram de imensa popularidade no período e na altura, já se encontravam em declínio. O protagonista, já de certa idade, entrega-se à leitura desses romances, perde o juízo, acredita que tenham sido historicamente verdadeiros e decide tornar-se um cavaleiro andante.

2 Umberto Eco (1932): autor italiano mundialmente reputado por diversos ensaios universitários sobre semiótica, estética medieval, comunicação de massa, linguística e filosofia, dentre os quais destacam-se *Apocalípticos e Integrados*, *A estrutura ausente* e *Kant e o ornitorrinco*. Tornou-se famoso pelos seus romances, sobretudo *O nome da rosa*, adaptado para o cinema. *A ilha do dia anterior*, *Baudolino* e *A misteriosa chama da Rainha Loana* são outras de suas obras. (Nota da IHU On-Line)

3 Joseph Frank: professor emérito das Universidades de Princeton e Stanford, Estados Unidos, é uma das maiores autoridades mundiais em Dostoiévski. É autor de uma biografia monumental sobre o romancista russo, que inclui cinco volumes, quatro deles traduzidos para o português: *Dostoiévski: as sementes da revolta. 1821-1849* (São Paulo: Edusp, 1999), *Dostoiévski: os anos de provação. 1850 - 1859* (São Paulo: Edusp, 1999), *Dostoiévski: os efeitos da libertação. 1860-1865* (São Paulo: Edusp, 2002) e *Dostoiévski: os anos milagrosos. 1865-1871* (São Paulo: Edusp, 2003). O último tomo, que compreende os dez últimos anos de vida do escritor, pode ser conferido no original, em inglês: *Dostoiévski. The Mantle of the Prophet, 1871-1881* (Princeton University Press, 2003). Frank escreveu também *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura* (São Paulo: Edusp, 1992), entre dezenas de outras obras. Na edição 195 da IHU On-Line, de 11-09-2006, concedeu a entrevista exclusiva *A confluência da literatura com a filosofia*. (Nota da IHU On-Line)

ca dostoiévskiana devidamente documentada. Ou seja, autorizadamente (pois assim decidiu o autor), é a fala de um idiota. No entanto é indispensável saber que o termo “iuródivyi”, com o qual é designado esse tipo especial de idiota, na Rússia também implica “clarividência”. Conclusão: será o príncipe Michkin, em alguma instância, o porta-voz de Dostoiévski? Será a sua voz a de um mentecapto ou a de um clarividente? Qualquer que seja a interpretação, a ambiguidade persiste. E é importante que persista, pois ela e as variações que ela implica é uma das “façanhas” da literatura e o que, segundo Richard Rorty⁶ (*Filosofia como Política Cultural*), torna a leitura de obras literárias tão importante, hoje em dia.

IHU On-Line - Ter percebido essa mistura de idiota e vidente seria uma preempção de Dostoiévski às carências espirituais que até hoje se manifestam na sociedade?

Aurora Bernardini - Quanto às carências espirituais que se manifestam na sociedade (até hoje) e quanto à subsequente importância de Dostoiévski no contexto da literatura russa e mundial, a resposta já está nas próprias perguntas. Caberia, numa análise mais extensa, discutir a acepção de termos como “alma”, “espírito”, “religião”, “religiosidade”, “fé”, “crença”, “cristianismo”, “paganismo”, “socialismo”, “socialismo utópico”, “populismo”, “ortodoxia” que, quando referentes a Dostoiévski e/ou à sua obra, adquirem traços muito específicos que não podem ser deixados de lado. De uma maneira geral, lê-se muito Dostoiévski, hoje em dia, sim, inclusive (quando não principalmente) para tentar encontrar alguma possibilidade de resposta às inquietações espirituais (cuidado: espiritual não é

sinônimo de religioso) que nos assolam.

IHU On-Line - Em que consistiu a polêmica entre Brodski e Kundera⁷ sobre Dostoiévski?

Aurora Bernardini - Para a discussão entre Bródski e Kundera sobre Dostoiévski, leia-se o suplemento *Cultura de O Estado de São Paulo* de 09-06-85. Em 17-02-85, (veja-se no Google a pesquisa avançada Bródski /Kundera), ao *An introduction to a variation* (ensaio para The Book Review do tcheco Milan Kundera) o russo Joseph Brodsky responde com outro ensaio: “Why Milan Kundera is Wrong about

“De uma maneira geral, lê-se muito Dostoiévski, hoje em dia, sim, inclusive (quando não principalmente) para tentar encontrar alguma possibilidade de resposta às inquietações espirituais”

Dostoyevsky”, que deveria ser lido no original como exemplo raro de ironia e extrema acuidade. Só para adiantar, e com isso responder à pergunta, elenco aqui cronologicamente os pontos principais:

1. Bródski começa colocando a estética fora da dependência direta da história e fora da subordinação a uma ideologia: uma estética individual brota de uma série de impressões que conformam o instinto do artista, e tem sua própria dinâmica autogeradora. É da estética que surge a ética e o senso da história, e não o contrário. A arte

7 Milan Kundera (1929): autor tcheco. Sua obra principal, *A insustentável leveza do ser*, ganhou em 1988 uma adaptação para o cinema. (Nota da IHU On-Line)

não pode ser um instrumento da sensibilidade ou da exigência do consumo: só assim ela poderá ser uma contribuição original para o gênero humano.

2. Kundera, sob o impacto de 1968 em sua pátria, generaliza a cultura que os soldados representam (no caso, a cultura russo-soviética representada pelos tanques invasores – mas, diz Bródski “soldados nunca representam cultura, tanto menos literatura – eles carregam fuzis, não livros”) e procura alguém em quem pôr a culpa, num universo que ele divide rigidamente em ocidental/oriental.

3. Seu dedo recai sobre Dostoiévski, a quem acusa de criar um universo sobrecarregado de gestos, de sentimentalidade agressiva: um universo em que tudo se transforma em sentimento (implicando que os tanques seriam a remota consequência de um sentir (oriental) que suplanta a razão (ocidental)).

4. Bródski responde que não só não foram os sentimentos (o amor, por exemplo) que moveram os tanques, mas a assim chamada “necessidade histórica”, conceito oriundo do ocidente, mas que na obra do autor de *Os demônios* (libelo profeticamente anti-soviético), os sentimentos são reações a pensamentos expressos, em geral pensamentos correntes na civilização ocidental.

5. Entre outras, uma das conclusões de Bródski é a seguinte: “Se a literatura tem uma função social, quem sabe seja a de mostrar ao homem seus parâmetros otimais, seu máximo espiritual. Nesse sentido, quem sabe o homem metafísico dos romances de Dostoiévski tenha mais valor do que o racionalista ferido do senhor Kundera, embora moderno e embora comum”.

IHU On-Line - Como a exacerbação marca *Crime e castigo* e *O idiota*? Qual é a diferença dessa exacerbação nos dois romances?

Aurora Bernardini - A exacerbação é a marca da estilização em Dostoiévski. Quase toda a sua narrativa é exacerbada, ao contrário de Tchékhev,⁸ que

8 Anton Pavlovitch Tchékhev (1860-1904): escritor e dramaturgo russo, considerado um dos mestres do conto moderno. (Nota da IHU On-Line)

Por isso, parte pelo mundo e vive o seu próprio romance de cavalaria. (Nota da IHU On-Line)
6 Richard Rorty (1931-2007): filósofo pragmatista estadunidense. A sua principal obra é *Filosofia e o espelho da natureza* (1979). Defendia-se contra a pretensão de absoluto do pensamento analítico e renunciou durante décadas, a modo de protesto contra as correntes tradicionais do seu âmbito, a dirigir uma cátedra de filosofia – apenas aceitou até 1982 um lugar na Universidade de Princeton. (Nota da IHU On-Line)

começa e termina em pianíssimo.

IHU On-Line - Como a falsa execução seguida da deportação para a Sibéria refletiu-se nos livros de Dostoiévski?

Aurora Bernardini - A comutação da pena de morte em trabalhos forçados repercutiu muito na conduta de Dostoiévski homem e escritor. Em particular, de apologista do “socialismo utópico” e crítico do regime czarista, ele – impelido por algum tipo de gratidão – passou a acatar este último.

IHU On-Line - Como compreende o final alvissareiro de *Os irmãos Karamázov*, em contraposição ao final agourento de *Os demônios*, quando resta apenas a desolação?

Aurora Bernardini - O final de *Os irmãos Karamázov* é um hino à irmanação universal, antitético ao final de *Os demônios*, que é uma diatribe contra a “desirmanação” universal, hipostasiada por Dostoiévski em certos ramos do populismo russo.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Aurora Bernardini

Entrevistas:

* *Um poeta revolucionário nas distorções das regras da gramática e da sintaxe.* IHU On-Line número 282, de 17-11-2008, Gerard Manley Hopkins: poeta e místico. Do cotidiano imediato ao plano cósmico, disponível no link

http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detaIhe&id=1443

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Confira outras edições sobre o tema.

Entrevistas:

* *Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano.* Edição nº 195, de 11-09-2006, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1161089798.38pdf.pdf>

* *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamazov, de Dostoiévski.* Entrevista com Chico Lopes, Edição nº 288, de 06-04-2009, disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detaIhe&id=1548&id_edicao=316

* *Dostoiévski chorou com Hegel.* Entrevista com Lázló Földényi, Edição nº 226, de 02-07-2007, disponível no link http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detaIhe&id=531&id_edicao=253

Teologia Pública

Uma leitura bíblica libertadora e ecumênica a serviço da vida

Para Francisco Orofino, do CEBI, a voz das igrejas cristãs terá maior repercussão se ela traduzir a proposta evangélica de vida em abundância para todos

POR GRAZIELA WOLFART

Há 30 anos, foi criado o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI. Para celebrar este aniversário, a IHU On-Line entrevistou por e-mail o biblista e assessor nacional do CEBI Francisco Orofino. Ele acredita que “a leitura ecumênica [da Bíblia] revela-se libertadora quando anima as comunidades a se organizar em defesa da vida ameaçada. (...) A Bíblia lida desta maneira revela a Palavra de Deus que convoca a todos e todas a criar comunidades e a participar nas lutas pelos direitos que são negados para a grande maioria do povo”.

Sobre as três décadas de trabalho no CEBI, ele aponta que a dimensão ecumênica nos trabalhos “foi sempre um grande desafio, principalmente naqueles estados em que a grande maioria dos participantes é da Igreja Católica Romana”. No entanto, constata: “É impossível pensar o trabalho do CEBI sem a dimensão do ecumenismo”. Confira a entrevista

IHU On-Line - O CEBI está celebrando 30 anos de vida e sabemos que um dos eixos em que se baseia seu trabalho é o ecumenismo. Que pontos importantes o senhor destacaria nesta caminhada ecumênica do CEBI?

Francisco Orofino - O CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) entende a si mesmo como um serviço à caminhada bíblica de todas as Igrejas. Sempre buscamos promover uma leitura bíblica a serviço da vida. Propomos, em tudo aquilo que fazemos e publicamos, uma leitura que relacione Bíblia com vida e vida com a Bíblia, uma ajudando a interpretar a outra. Uma leitura bíblica neste sentido é, necessariamente, libertadora e ecumênica. O que temos de mais univer-

sal e ecumênico é a vida e a vontade de viver a vida na sua plenitude. Por isso, o povo das comunidades, quando faz este tipo de leitura bíblica, aprende a ser ecumênico, pois a defesa da vida sempre reúne pessoas das mais variadas Igrejas e confissões. As comunidades sentem na pele as ameaças das forças da exploração e da morte. Vivem em condições precárias, em constantes riscos. A leitura ecumênica revela-se libertadora quando anima as comunidades a se organizar em defesa da vida ameaçada. Os cursos e subsídios que fazemos querem justamente ajudar o povo na sua organização. A Bíblia lida desta maneira revela a Palavra de Deus que convoca a todos e todas

a criar comunidades e a participar nas lutas pelos direitos que são negados para a grande maioria do povo.

Creio que, nestes 30 anos, a dimensão ecumênica nos nossos trabalhos foi sempre um grande desafio para o CEBI, principalmente naqueles estados em que a grande maioria dos participantes é da Igreja Católica Romana. Estamos aprendendo a ser ecumênicos em todas as nossas atividades, mesmo quando se fazem presentes representantes de uma única igreja ou confissão cristã. É impossível pensar o trabalho do CEBI sem a dimensão do ecumenismo. Por isso mesmo, considero a abertura de canais de diálogo com as Igrejas que fazem uma leitura fundamentalista da Bíblia como um grande desafio para esta dimensão dentro dos trabalhos do CEBI. Atualmente, no Conselho Nacional, temos representações da Igreja Católica Romana, da Igreja Luterana, da Igreja Presbiteriana e da Igreja Batista. Esta representação nos ajuda a estarmos sempre em sintonia com a caminhada das Igrejas aqui em nosso país.

IHU On-Line - O senhor pode explicar o significado do lema da semana ecumênica “Unidos na Tua mão” diante de tantos apelos sociais, ecológicos e religiosos?

Francisco Orofino - O lema da semana ecumênica deste ano se inspira numa passagem do profeta Ezequiel,¹ na qual ele questiona a quebra da unidade do reino de Israel a partir de quebras políticas internas. Surgiram dois reinos: os filhos de José ao norte e os filhos de Judá ao sul. Ora, lembra o profeta, antes de tudo José e Judá são irmãos. As intrigas políticas quebraram a fraternidade. Os dois irmãos, isto é, os dois reinos, devem aprender o caminho da reconciliação e buscar a união. Esta inspiração do profeta deve questionar as fraturas entre as igrejas cristãs. Quanto de nossas divisões e conflitos foram frutos de mazelas políticas, localizadas historicamente,

¹ Ezequiel: um dos livros proféticos do Antigo Testamento da Bíblia. Possui 48 capítulos. Ezequiel foi chamado para profetizar durante o cativeiro babilônico do povo judeu. Diz-se que fundou uma escola de profetas e que ensinava a Lei à beira do rio que corta a cidade de Babilônia. (Nota da IHU On-Line)

e que agora perderam o seu sentido? Mas as divisões continuam ao longo da História porque muitas vezes buscaram fundamentos teológicos para as brigas políticas. Portanto, a partir de Ezequiel, temos de buscar a unidade num diálogo teológico aberto em que se valorize, antes de tudo, aquilo que nos une se quisermos superar e vencer aquilo que nos separa.

Creio que este é o grande apelo religioso proposto pela semana ecumênica. Vencendo este desafio de caminhar juntos, penso que as Igrejas podem e devem ajudar no debate social envolvendo questões que interessam a todo o povo de Deus. No próximo ano, teremos mais uma Campanha da Fraternidade ecumênica, cujo tema é *Eco-*

“Quanto de nossas divisões e conflitos foram frutos de mazelas políticas, localizadas historicamente, e que agora perderam o seu sentido?”

nomia e vida, e o lema é *Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro (MT 6, 24c)*. O objetivo desta Campanha é promover um debate sobre a economia. Diante de tudo o que estamos vendo, especialmente depois desta crise do sistema financeiro neoliberal, qual é a nossa proposta evangélica no campo econômico? A voz das igrejas cristãs terá maior repercussão se ela traduzir a proposta evangélica de vida em abundância para todos.

IHU On-Line - Que fundamentos teológicos e bíblicos o ecumenismo aponta para a construção da justiça social e da paz?

Francisco Orofino - A semana de ora-

ções pela unidade dos cristãos celebra toda a caminhada do movimento ecumênico desde 1910. Este movimento aponta para uma unidade na diversidade de carismas, dons e serviços das Igrejas na construção comum do Reino de Deus. Em função deste projeto maior, qualquer Igreja deve ser instrumento de Deus para que o Reino possa se tornar uma realidade. Ou seja, toda Igreja é transitória. Definitivo mesmo é o Reino de Deus. Assim, todas as pessoas cristãs têm uma missão coletiva que está para além de qualquer Igreja. Esta missão deve ser respaldada pelo testemunho da unidade fraterna e do serviço comunitário. É para isso que nos unimos em orações justamente na semana que antecede a solenidade de Pentecostes. Buscamos, desta forma, recuperar os três eixos da comunidade retratada em Atos dos Apóstolos: testemunho (*martyria*), serviço (*diakonia*) e comunhão de vida (*koinonia*).

Na América Latina, existem grandes desafios para as igrejas cristãs. Devemos tomar consciência dos grandes problemas que agitam a vida do povo de nossos países. Além disso, é preciso buscar a unidade entre as Igrejas e colocá-las a serviços destas causas populares, dando voz aos grupos esquecidos, explorados e marginalizados. Isso obriga a nós, pessoas cristãs, a acolher os apelos vindos das religiões indígenas e africanas. Para isso, precisamos ampliar nosso conceito de ecumenismo. Nossas Igrejas devem ser protagonistas num amplo diálogo com as mais diferentes propostas religiosas das diversas culturas latino-americanas e caribenhas, respeitando e acolhendo a contribuição de valores, relacionamentos evangélicos que estão presentes nestas propostas não-cristãs. Desta forma, estaremos colaborando ativamente na construção de sociedades mais justas e mais fraternas aqui em nosso continente.

IHU On-Line - O senhor considera que a recente visita do papa à Palestina traz avanços para o diálogo com o judaísmo e com o Islã?

Francisco Orofino - No meu entender, é um bom sinal. O ecumenismo começa exatamente assim. Através da visi-

“Devemos buscar a unidade num diálogo teológico aberto em que se valorize, antes de tudo, aquilo que nos une se quisermos superar e vencer aquilo que nos separa”

ta aos que oram e celebram diferente de nós, vamos criando laços afetivos e manifestando interesse em superar os erros cometidos no passado e no presente. O ecumenismo é, antes de tudo, um sinal de amizade e de apreço por alguém que reza, pensa, trabalha e vive diferente de mim. Quantas pessoas são ecumênicas sem saber pelo fato de manterem amizade com pessoas de outras Igrejas ou crenças? Nos meios populares, isto é muito comum. Hoje, diante das diferentes propostas religiosas nas cidades, as pessoas estão aprendendo a ser ecumênicas dentro de sua própria casa. Diante de todas as tensões e críticas que a visita do papa acabou por revelar, acho que a imagem que ficará é aquela foto do papa de mãos dadas com judeus, muçulmanos e drusos. É uma imagem eloquente! Fala mais do que qualquer discurso que o papa tenha feito nesta sua visita à Terra Santa. Mas também temos que prestar atenção no que ele disse nos discursos, que são muito bons.

Aliás, no Sínodo da Igreja Católica sobre a Palavra, que aconteceu em Roma em outubro do ano passado, surgiram várias propostas de um amplo diálogo entre cristãos, judeus e muçulmanos a partir do que há de comum às três religiões do Livro. O que podemos aprender da visita do Papa é que ecumenismo é uma atitude madura, de gente que tem consciência daquilo que acredita e por isso está aberta ao diálogo com quem quer que seja, desarmada e sem medo.

DISCUTIR DEUS EM
NOSSOS DIAS. ESSE É O
TEMA DO X SIMPÓSIO
INTERNACIONAL
IHU: NARRAR DEUS
NUMA SOCIEDADE
PÓS-METAFÍSICA.
POSSIBILIDADES E
IMPOSSIBILIDADES.

INSCREVA-SE E PARTICIPE:
WWW.UNISINOS.BR/IHU.



Bento XVI e Barak Obama: novas perspectivas de diálogo com o islã

“Os meses de maio e junho de 2009 vão ficar marcados na história como sinais de uma nova perspectiva de diálogo do Ocidente com o islã. Dois acontecimentos particulares marcam esse novo caminho: a viagem do papa Bento XVI na Terra Santa (08 a 15 de maio) e o discurso de Barak Obama na Universidade de Al-Azhar, no Cairo (Egito), no dia 04 de junho de 2009. Há uma feliz coincidência entre essas duas iniciativas dialogais com respeito ao islã”, escreve Faustino Teixeira, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora — PPCIR-UFJF — e do Iser-Assessoria, em artigo que publicamos a seguir. Segundo Faustino Teixeira, “são marcos de um novo tempo”.

Faustino Teixeira proferirá a conferência A narrativa de Deus nas religiões não monoteístas no Simpósio Internacional Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades, a ser realizado na Unisinos, nos dias 14 a 17 de setembro de 2009.

Faustino Teixeira é doutor e pós-doutor em teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Ele é autor de uma vasta obra teológica, especialmente no que se refere à teologia do diálogo inter-religioso. Entre suas obras, citamos os livros, por ele organizados, *Nas teias da delicadeza* (São Paulo: Paulinas, 2006) e *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas* (Petrópolis: Vozes, 2006), organizado com Renata Menezes. Confira o artigo.

Os meses de maio e junho de 2009 vão ficar marcados na história como sinais de uma nova perspectiva de diálogo do Ocidente com o islã. Dois acontecimentos particulares marcam esse novo caminho: a viagem do papa Bento XVI na Terra Santa (08 a 15 de maio) e o discurso de Barak Obama na Universidade de Al-Azhar, no Cairo (Egito), no dia 04 de junho de 2009. Há uma feliz coincidência entre essas duas iniciativas dialogais com respeito ao islã. São marcos de um novo tempo, bem distinto daquele marcado pela idéia de “choque de civilizações”, defendida por Samuel Huntington e aplicado pela política de George Bush. Como tão bem mostrou Edward Said em artigos singulares, a ideia de “choque de civilizações” acaba mobilizando o “lado mortífero” dos nacionalismos. As culturas e civilizações não são monolíticas ou homogêneas, mas pontuadas por intercâmbios, trocas e aprendizados fundamentais. Na verdade, elas afirmam-se mais profundamente quando entram em parceria com os outros, com os diferentes. O grande desafio do tempo atual é saber

“hospedar o outro”, deixar-se marcar pelo aprendizado da diferença.

Nada mais necrófilo do que encerrar as civilizações e as identidades em cápsulas enclaustradas, expurgadas da dinâmica viva que marca e anima a história humana. Como mostrou Edward Said, a história não é somente palco de guerras imperiais e de religião, mas também espaço de “trocas, fertilização mútua e compartilhamento”. O islã tem sido um “trauma duradouro” para o Ocidente. Durante séculos veio identificado com o terror, a devastação e o demoníaco. Nos últimos tempos, com o episódio da derrubada das Torres Gêmeas, em setembro de 2001, esse temor se expandiu, criando um círculo vicioso de resistência e hostilidades contra os muçulmanos do mundo inteiro.

A recente viagem do papa Bento XVI à Terra Santa sinaliza uma mudança de perspectiva com respeito mesmo a certos posicionamentos que marcaram o início de seu pontificado, como o caso do discurso na Universidade Regensburg, em setembro de 2006. Essa viagem ocorre numa nova conjuntura,

onde as relações com o islã tinham sido reaquecidas por importantes gestos de aproximação como a Mensagem Interconfessional de Amã, (2005) e a carta das 138 lideranças muçulmanas dirigida ao papa e outras lideranças religiosas mundiais. Também em âmbito do Vaticano, visualizava-se uma nova perspectiva geopolítica, com o retorno da autonomia do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, e a nomeação do cardeal Jean-Louis Tauran, em junho de 2007, para o cargo de presidente desse dicastério romano: um hábil diplomata profissional que poderia favorecer um novo rumo para a dinâmica de cooperação com o islã.

Preparada com um particular cuidado, a viagem do papa mostrou-se dinâmica e surpreendente para os que acompanham a conjuntura eclesial nos últimos 40 anos. Com respeito à delicada situação de relação da igreja católica com o islã, a atuação do papa foi de abertura inusitada. Diante do rei da Jordânia, Abdullah II, o papa fala de seu “profundo respeito pela comunidade muçulmana” e de sua

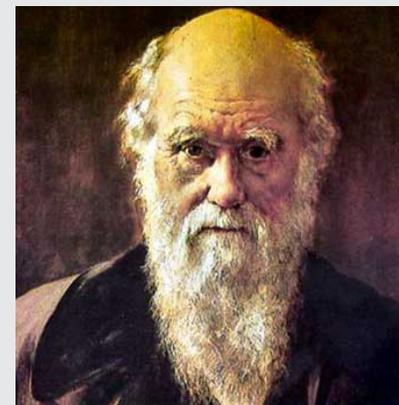
“São discursos convergentes num tempo marcado pelas afirmações identitárias agressivas e excludentes. Há muito o que refletir sobre tudo isso. Talvez seja um marco de sensibilidade alternativa que vem surgindo e que deve contagiar a todos com uma alegria e esperança singulares, na luta em favor da construção de um outro mundo possível. Há que ampliar essas fileiras”

esperança num novo incremento nas relações entre cristãos e muçulmanos. Um ponto comum entre as duas tradições foi muito incentivado: de vinculação entre o mandamento do amor a Deus e do amor fraterno. Na Cúpula da Rocha, um dos três lugares mais sagrados para os muçulmanos, o papa enaltece a “ecumene abraâmica”, que deve reunir as três grandes tradições monoteístas em favor da compaixão universal. Sublinha o desafio essencial do empenho em favor da superação e incompreensão que marcou o passado em vista de um projeto comum de afirmação de um mundo de fraternidade e justiça. Quanto ao diálogo inter-religioso, o papa fala sobre a importância da comunhão na diversidade. Em sua visita à Cisjordânia, em Belém, defende com ênfase o Estado palestino e presta solidariedade aos refugiados do campo de Aida. Lança críticas contundentes contra o imponente “muro do apartheid”, construído para isolar os refugiados, separando famílias e obstruindo a vida. O grande mote foi o da busca da paz, em todos os sentidos.

O discurso de Barak Obama vai num sentido semelhante. Sua intenção era de selar “um novo começo entre os Estados Unidos e os muçulmanos em todo o mundo”. A perspectiva dialogal é clara: “É preciso que haja um esforço sustentado para ouvirmos uns aos outros; aprendermos uns com os outros; respeitarmos uns aos outros, e buscar um terreno comum”. O presidente americano reconhece o patrimônio de arte, humanismo

e tolerância que marcam a trajetória do islã ao longo da história: “a cultura islâmica nos deu arcos majestosos e torres que se elevam ao céu; poesia atemporal e música preciosa, caligrafia elegante e lugares de contemplação pacífica”. Em sua fala, rejeita o “espectro do choque de civilizações”, que se viu reforçado com os ataques de 11 de setembro, provocando uma problemática identificação entre islã e violência. Assim como Bento XVI, o presidente americano defendeu a criação de um Estado palestino e questionou os assentamentos israelenses, que estariam solapando os esforços em favor da paz. Tomou também a defesa dos refugiados palestinos, encerrados nos campos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, sofrendo “humilhações diárias”. Sinaliza em seu discurso que uma tal situação mostra-se “intolerável”. Rica também sua defesa da liberdade religiosa: “É esse espírito de que precisamos hoje. As pessoas em todos os países devem ser livres para escolher e viver sua fé baseadas na persuasão de suas mentes, corações e almas. Essa tolerância é essencial para que a religião floresça”.

São discursos convergentes num tempo marcado pelas afirmações identitárias agressivas e excludentes. Há muito o que refletir sobre tudo isso. Talvez seja um marco de sensibilidade alternativa que vem surgindo e que deve contagiar a todos com uma alegria e esperança singulares, na luta em favor da construção de um outro mundo possível. Há que ampliar essas fileiras.



ESTÃO ABERTAS AS
INSCRIÇÕES PARA
O IX SIMPÓSIO
INTERNACIONAL IHU:
ECOS DE DARWIN,
QUE ACONTECE DE 9 A
12 DE SETEMBRO.

FAÇA SUA INSCRIÇÃO
AGORA: WWW.
UNISINOS.BR/IHU

Destques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 02-06-2009 a 06-06-2009.

“Dom Oscar Romero ajudou a fortalecer meu compromisso com os mais pobres”

**Entrevista com Anne Marie Crosville
Confira nas Notícias do Dia 02-06-2009**

Dom Romero foi um homem que deixou como legado uma história de luta por paz com justiça e dignidade, defendendo principalmente os pobres de El Salvador. Por essa luta, foi assassinado há 29 anos. A francesa Anne Marie, que trabalha atualmente no RS, o conheceu e, por meio do que aprendeu com ele, passou a fazer do seu trabalho um instrumento de luta pela mesma paz que Dom Romero sonhava.

São Gabriel da Cachoeira: a parte da Amazônia mais preservada

**Entrevista com D. Edson Damian
Confira nas Notícias do Dia 03-06-2009**

Depois de viver dez anos em Roraima e participar da luta dos povos indígenas pela homologação e demarcação contínua da terra de Raposa Serra do Sol, Edson Damian foi nomeado bispo de São Gabriel da Cachoeira, cujo povo é, em grande parte, formado por povos indígenas.

“Uma economia mais social e ética parece bem possível”

**Entrevista com Gilberto Faggion
Confira nas Notícias do Dia 04-06-2009**

O professor de administração nos revela, nessa entrevista,

que o curso que ministra no IHU, o Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, não apenas ajuda a constituir debates sobre a economia atual, mas também o auxilia a repensar suas próprias interpretações do momento e da história da economia mundial.

**Morro do Osso: uma luta dos povos indígenas do RS
Entrevista especial com Roberto Liebgott**

Confira nas Notícias do Dia 05-06-2009

Depois de descobrir que os povos Kaingang têm uma ligação histórica com o Morro do Osso, eles reivindicam esse espaço, localizado em Porto Alegre, e travam uma luta com os poderosos da região que veem uma possibilidade de construções imobiliárias para a elite da cidade num dos locais mais nobres da capital do estado.

Pobreza. A mãe do trabalho escravo no Brasil

**Entrevista especial com Leonardo Sakamoto
Confira nas Notícias do Dia 06-06-2009**

Trabalho escravo se apoia no tripé impunidade, ganância e pobreza. Nossas relações de trabalho atuais ainda são baseadas no modelo escravagista do período colonial e imperial do Brasil.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu, publicada em 03-06-2008.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

**Leia as Notícias
do Dia em
www.unisinos.br/ihu**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista





UNISINOS



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



IHU Repórter

Luciana Paulo Gomes

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

“Sou uma pessoa só: a professora, a orientadora, a amiga, a irmã. Em todos os âmbitos da minha vida procuro ser a mesma. Eu sou assim lá fora e aqui dentro. É ruim quando as pessoas não são autênticas.” É dessa forma que a professora Luciana Gomes se define. Aos 45 anos de idade e com uma carga imensa de atividades e tarefas dentro da Unisinos, ela não demonstra esmorecer diante de nenhum desafio. Com um sorriso no rosto e algumas lágrimas de emoção, ela abriu o livro de sua vida à IHU On-Line e contou sua trajetória na entrevista que segue. Descubra aspectos inusitados desta colega da comunidade acadêmica da Unisinos:

Origens - Sou natural de Porto Alegre. Tenho uma irmã, a Liane, que é mais nova e sou a primeira filha, apesar de ser a sexta gravidez da minha mãe – ela perdeu todos os outros bebês antes. Então, fui uma filha muito esperada. Minha irmã é formada em Publicidade e Propaganda pela Unisinos e trabalha na Agência Matriz, de Porto Alegre. Meu pai, Sérgio Gomes, era professor aqui na Unisinos, e a minha mãe, Janice, era advogada, mas não exercia a profissão. Os dois já são falecidos. Eu e minha irmã sempre fomos muito diferentes. Ela sempre foi mais de ir a festas e eu sempre fui mais tímida. Eu gostava de estudar e ela era um problema nessa questão, sempre preocupando o pai e a mãe. Crescendo meu pai no escritório corrigindo provas. Talvez isso tenha me influenciado na escolha da profissão. Outra lembrança que tenho da infância, e que hoje recordo com alegria, já que reflete parte de meu atual trabalho, é a de que meu pai fazia o reaproveitamento do papel, usando também o verso das folhas das provas não utilizadas. Isso há 40 anos. Eu sempre tive uma estrutura familiar sólida em mi-

nha vida, com muito respeito dentro de casa.

Relação com o pai - Quando eu fazia a graduação em Engenharia Civil, nem eu nem meu pai demonstrávamos nosso parentesco dentro da Unisinos. Ele, como meu professor, nunca facilitou a minha vida, pelo contrário. Exigia o máximo de mim, queria que eu fosse a melhor. No entanto, mais tarde, quando vim a me tornar professora aqui na universidade, ele tinha o maior orgulho de dizer que eu era filha dele, falava para todo mundo. Em 1995, o pai descobriu que estava com câncer e faleceu um ano depois. Trabalhamos juntos na Unisinos menos de um ano. Mas foi bom.

Formação - Fiz todo o ensino fundamental e médio no Colégio Anchieta. Depois, cursei Engenharia Civil aqui na Unisinos, de 1981 a 1986. Esses anos todos estudando em instituições jesuítas fizeram com que eu me sentisse um pouco jesuíta também. Terminada a graduação, engatei direto no mestrado em Engenharia Civil – Hidráulica e Saneamento, na USP, em São Carlos. Fui



sozinha, vivendo a experiência de sair da casa dos pais. Morei em república, depois dividi casa de aluguel com amigas, até que decidi morar sozinha. O doutorado foi uma sequência do mestrado, na mesma universidade. Fiquei nove anos em São Carlos.

Esportista e pesquisadora na França - O Colégio Anchieta sempre incentivou muito o esporte. Eu fazia ginástica olímpica, joguei basquete, mas descobri que o vôlei era meu esporte favorito. Fiz carreira no vôlei e integrei a seleção gaúcha durante vários anos, inclusive. Joguei até os 40 anos. Quando faltava uma semana para eu defender o mestrado, recebi uma proposta para integrar um time de vôlei na França, onde eu deveria ficar por seis meses, para participar do campeonato estadual. Mesmo sem saber falar francês, decidi ir, levando apenas um dicionário de bolso. Só que eu não podia ser tão irresponsável de ir até a França só para jogar vôlei e passear. Decidi fazer algo mais profissional. Descobri um laboratório de pesquisa bem próximo da cidade onde eu fiquei, e lá continuei um estágio



iniciado por uma professora brasileira, que recentemente havia voltado de lá e que eu conhecia. Ela me indicou ao professor francês que coordenava a pesquisa e deu tudo certo. Eu trabalhava de dia no laboratório, os treinos do time eram à noite e os jogos nos finais de semana. Quando eu voltei até mudei o tema do meu doutorado, inspirada na pesquisa que eu vinha fazendo na França. Eu tinha trabalhado com aterro sanitário no mestrado e iria trabalhar com compostagem no doutorado. Acabei mudando para a área da microbiologia.

Trajectoria profissional - Durante o mestrado, comecei a dar aulas na Faculdade de Engenharia de Poços de Caldas, que fica a 180 quilômetros de São Carlos, e que já pertence a Minas Gerais. Eu estava terminando o doutorado, em 1995, quando recebi um telefonema de uma antiga professora que tive na Unisinos. Ela me informou que estava mudando a estrutura administrativa da universidade e que estavam precisando de alguém para preencher o novo cargo de pró-diretor acadêmico do antigo centro seis. Decidi aceitar o convite e foi bom voltar para casa.

Contribuição para a Unisinos - Desde que entrei aqui, em 1995, pude trabalhar com diversas frentes diferentes. Conheci várias pessoas e setores e isso sempre foi muito legal. Além do cargo que assumi na chegada, sempre fui professora e pesquisadora. E eu sabia que, trabalhando na área ambiental, era preciso ser “multidisciplinar”. Me aproximei do pessoal da biologia, da saúde, e trabalhei até no PPG em Geologia. Ajudei a criar o grupo Verde Câmpus,

que começou o projeto de coleta seletiva de papel da universidade. Quando ele estava funcionando bem, em 2003, fiz uma proposta para o professor Célio Wolfarth, da reitoria, de um projeto de implantação da certificação 14001. Ele aceitou

e, em um ano e oito meses, conseguimos obter a certificação, como a primeira universidade da América Latina a conquistá-la. E foi aí que implantamos o Sistema de Gestão Ambiental da Unisinos, o SGA, que opera e acompanha esse processo da certificação. Eu coordeno hoje o SGA, que é diretamente vinculado à reitoria da universidade. Além disso, sou coordenadora do Laboratório de Microbiologia de Resíduos, que é um laboratório de pesquisa vinculado ao PPG em Engenharia Civil, dou aulas na graduação e na pós-graduação em Engenharia Civil, na graduação em Gestão Ambiental, e sou a responsável pela licença de operação ambiental do câmpus, incluindo a gestão da estação de tratamento de esgoto e central de resíduos da Unisinos, onde instalei um anexo do Laboratório. Paralelo a tudo isso, sou a vice-presidente do Comitesinos, que é o comitê de bacia da região do Rio dos Sinos, onde represento a Unisinos. Meus dias são bem agitados.

Rotina - Atualmente, moro aqui em São Leopoldo, com uma amiga, a Adriana. Comprei um sobrado bem legal aqui no Morro do Espelho. Tenho uma sobrinha, a Rafaela, filha da minha irmã. A Rafaela é minha afilhada e faz Administração aqui na Unisinos. Tenho também a Clara, uma cachorra labradora.

Autor - Erico Verissimo.

Livro - *O tempo e o vento*.

Filme - *Sissi*

Nas horas livres - Assistir aos

jogos do Internacional, caminhar com a minha cachorra e tomar uma cervejinha.

Sonho - Viver de forma mais transparente. Eu gostaria de poder ser mais transparente em tudo e sentir as pessoas assim. Eu não gosto de ter que “pisar em ovos” em algumas situações; gostaria que as pessoas fossem mais abertas, mesmo que fosse para errar, sem essa de ficar em cima do muro. Gostaria de não ter muros para dividir as coisas.

Unisinos - É a minha carreira profissional. Já tive altos e baixos aqui, e os “baixos” não precisam ser lembrados. Minha expectativa é de me aposentar aqui. Vejo o câmpus como uma grande sala de aula. A Unisinos é um exemplo de universidade, em relação a sua forma de ser e de desenvolver o ensino acadêmico.

Instituto Humanitas Unisinos - Ele poderia ser melhor aproveitado. Vejo tantos aspectos da área ambiental que poderiam estar mais trabalhados nele. Eu mesma gostaria de me aproximar mais do Instituto. Penso que o IHU poderia incentivar a proposta de desenvolver na Unisinos a política de responsabilidade socioambiental. Quem sabe podemos buscar uma certificação nessa área e ter o IHU como um promotor? Lanço esse desafio e coloco o SGA à disposição.

Política no Brasil - Vejo a política no Brasil de forma muito envergonhada. Se gosto de falar de exemplos, acho que a política que fazemos aqui, não é exemplo para nada. Ano passado, foi a primeira vez que anulei um voto. Pode mudar partido ou pessoa, mas a realidade não muda. Não vejo nenhuma luz no fim do túnel.

Errata - Na edição número 295 da Revista IHU On-Line, intitulada *Ecoeconomia. Uma resposta à crise ambiental*, de 01-06-2009, grafamos erradamente o título da entrevista com a professora Isleide Arruda. O título correto, já disponibilizado nas versões eletrônicas da IHU On-Line, é “O consumidor é um novo ator político?”.

Destaques

A novidade de Charles Darwin



Em preparação ao **Simpósio Internacional Ecos de Darwin**, que ocorrerá de 9 a 12 de setembro de 2009, na Unisinos, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promove o evento **A novidade de Charles Darwin**. Esta atividade acontecerá em três etapas, que podem ser assistidas isoladamente ou o participante pode escolher participar das três. Todas ocorrem na sala 1G119 do IHU, no horário das 17h30min às 19h. No dia 16 de junho, o tema “A evolução como uma visão revolucionária do mundo” será apresentado pelo Prof. Dr. **Francisco Mauro Salzano**, da UFRGS. A segunda e a terceira etapas acontecem nos dias 23 e 30 de junho e terão como palestrante a Profa. Dra. **Anna Carolina Krebs Pereira Regner**, da Unisinos, que falará a partir dos temas “A origem da *Origem das espécies*” (dia 23) e “*A origem das espécies: estrutura de ‘um longo argumento’*” (dia 30).

Acesse www.unisinos.br/ihu e obtenha mais informações.

O primeiro dia de um simpósio internacional

De 14 a 17 de setembro deste ano, acontece na Unisinos o **Simpósio Internacional Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades**. A programação do primeiro dia do evento, na segunda-feira, dia 14-09-2009, é iniciada com a exibição do filme *O grande silêncio*, com a presença do diretor Philip Gröning. Na parte da tarde, entre as oficinas que serão ministradas, teremos a intitulada “Sem Deus, o caminho de Buda”, a ser ministrada pela **Monja Coen**, da Comunidade Zen Budista, de São Paulo; e também a oficina “Narrativas do Mistério”, cujo ministrante será o Prof. Dr. **Clóvis Cabral**, do Centro Cultural Atabaque de Cultura Negra, da Unesp. Outra opção de oficina é a com o tema “Teologia indígena”, que estará sob o comando da Profa. Dra. **Cândida Graciela Chamorro Argüello**, da Universidade Federal da Grande Dourados, de MS. A conferência de abertura oficial do evento intitula-se “A narrativa de Deus, hoje. Possibilidades e limites” e será ministrada pelo Prof. Dr. **Jean-Louis Schlegel**, diretor da *Revista Esprit*, da França. Confira mais informações no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard

De 12 a 13 de novembro de 2009, a Unisinos sediará a **Jornada Argentino-Brasileira de Estudos de Kierkegaard**, com o objetivo de aprofundar o conhecimento da obra de Kierkegaard, num nível acadêmico, atentando para sua atualidade, especialmente numa perspectiva latino-americana. O evento é uma promoção conjunta do Instituto Humanitas Unisinos – IHU e do PPG em Filosofia da Unisinos. Para saber mais sobre a jornada, conferir a programação completa ou fazer a inscrição, basta acessar www.unisinos.br/ihu



Apoio:

